



Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Instituto de Filosofia, Arte e Cultura – IFAC

Departamento de Artes Cênicas – DEART

Curso de Arte Cênicas - Licenciatura

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:

entre literatura e teatro

Aluna: Bárbara de Fátima Silva

Orientadora: Bárbara de Souza Carbogim

Ouro Preto

Dezembro de 2019

BÁRBARA DE FÁTIMA SILVA

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
entre literatura e teatro**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau em Licenciatura em Artes Cênicas. Orientadora: Prof. Bárbara de Souza Carbogim

Ouro Preto

Dezembro de 2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA ARTES E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ARTES



FOLHA DE APROVAÇÃO

Bárbara de Fátima Silva

Contação de Histórias: entre literatura e teatro

Membros da banca

Bárbara de Souza Carbogim - mestrado - Universidade Federal de Ouro Preto

Neide das Graças de Souza Bortolini - doutorado - Universidade Federal de Ouro Preto

Mariza Barros Tassar de Almeida - graduação - Biblioteca Pública Prefeitura Municipal de Itabirito/Diretoria de Cultura/SEMCUL

Versão final

Aprovado em 12 de dezembro de 2019.

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Bárbara de Souza Carbogim



Documento assinado eletronicamente por **Barbara de Souza Carbogim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2019, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0029855** e o código CRC **15421101**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.204207/2019-67

SEI nº 0029855

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135591731 - www.ufop.br

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus e à minha família.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória tanto dentro quanto fora da universidade, agradeço, especialmente, a Bárbara Carbogim, orientadora deste trabalho e Neide das Graças que compôs minha banca. Gratidão especial ao Curso Técnico de Teatro do Atelier de Artes Integradas e a Ana Nery Carvalho, sua idealizadora, por minha formação inicial em teatro.

Agradeço também as coordenadoras dos espaços onde trabalho e que fizeram parte das reflexões desta monografia: Obrigada Mariza Tassar, coordenadora da Biblioteca Pública Professor Diáulas de Azevedo e que também compôs minha banca e obrigada à Virgínia Queiroz coordenadora do Centro Cultural de Formação e Entretenimento Alumia.

Obrigada Gláucia Venâncio e Larissa Ribeiro pelas parcerias de trabalho.

Obrigada aos meus grupos de trabalho: Grupo Teatral Flor de Maio e Mundo Azul – Histórias e brincadeiras pela colaboração e pesquisa juntos na área do teatro e da educação.

Gratidão à Tatiana Minardi que me introduziu no caminho da contação de histórias.

Agradeço ainda a minha turma 16.1 e a todas as pessoas que me abrigaram e me acolheram nesse período de formação, eu tive verdadeiros lares em Ouro Preto: Obrigada Tatiane Andrade, Sheiquellan Sharon, Gláucia Venâncio, Railson Fidelis, Bruna Sudário e a todos os outros que se disponibilizaram em me receber!

Gratidão Marcos Diniz, Wudson Carvalho e Larissa Ribeiro pela companhia que deixava nossas idas e voltas para Itabirito muito mais amenas e prazerosas.

Larissa Ribeiro obrigada pela amizade e parceria em tudo.

Agradeço, por fim a todas as pessoas que me ajudaram de alguma forma em todo esse processo. Peço desculpas, pois, com certeza, esqueci de agradecer a várias pessoas, seria impossível colocar todas aqui. Mas, queria dizer que sou muito grata por todos os encontros que o teatro me proporcionou!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	8
2.1 Metodologia	9
2.1.1 A Contação como Incentivo à Leitura	9
2.1.2 Contação Interativa	11
2.1.3 Reflexão Crítica da Leitura	12
2.1.4 Ensino pela Imaginação	17
3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS FORMAIS	24
3.1 Contação como base do Ensino de artes na Educação Infantil	24
3.1.1 Contação de Histórias e Teatro	27
3.1.2 Contação e outras linguagens artísticas	31
4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS	34
4.1 Contação no Programa de Incentivo à leitura na Biblioteca pública Professor Diáulas de Azevedo	34
4.1.1 Contação, Patrimônio, Identidade e Pertencimento – A história ocupando os espaços públicos	38
4.1.2 A Diferença da Contação como metodologia continuada e como Intervenção esporádica	42
4.2 Contação no Programa Ponto de Luz no Projeto Alumia	48
4.2.1 Contação, Comunidade e Identidade	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6. REFERÊNCIAS	63
7. ANEXOS	66
7.1 – ANEXO – Planos de Aula – Estágio Supervisionado de Planejamento e Regência II: Escola Monsenhor Castilho Barbosa – A Contação utilizada como método de ensino-aprendizagem do teatro	66
7.2 – ANEXO – História Coletiva Alumia	74

1. INTRODUÇÃO

Escolhi fazer meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso - Portfólio) abordando a temática da *Contação de Histórias*, principalmente porque trabalho com essa metodologia há alguns anos, desde minha formação técnica em teatro até a intensificação da minha vivência e pesquisa na área após minha entrada na universidade.

No ano de 2014, eu e minha turma do Curso Técnico de Teatro do Atelier de Artes Integradas¹, realizamos um estágio voluntário nas escolas rurais de Itabirito e utilizamos a *Contação de Histórias* como principal método de trabalho. Tal projeto buscava desenvolver a partir da contação o gosto pela leitura, a desinibição dos participantes, o trabalho coletivo e a abordagem de elementos do teatro (trabalhamos conceitos e práticas de figurino, ensaio, cenário e personagem). Este foi meu primeiro contato utilizando a *Contação de Histórias* como método de ensino.

Em 2015, eu entrei para o *Grupo Mundo Azul – Histórias e Brincadeiras* que realiza suas atividades no município de Itabirito/MG e região, no qual atuo ainda hoje. O grupo trabalha com *Contação de Histórias* e animação de festa infantil. No coletivo, buscamos incentivar a leitura e promover a vivência teatral através da *Contação de Histórias*. Realizamos contações em escolas, festas e eventos. Em todas as animações de festas que realizamos a *contação de histórias* está sempre presente aliando-se também a brincadeiras e jogos teatrais que promovemos. O intuito do grupo está em trabalhar narrativas, explorar o universo literário, criar espaço e trabalhar brincadeiras da cultura popular.

Além dessas experiências, desde 2018, trabalho na *Biblioteca Pública Professor Diáulas de Azevedo*², no projeto *Toda Sexta tem História*, realizando contações semanais para todas as escolas de ensino infantil e fundamental do município. A partir de janeiro de 2019, comecei a atuar também no projeto *Ponto de*

¹ Localizado na Rua Araújo Lima, 23, 3º piso, no Centro de Itabirito/MG. O Atelier de Artes Integradas foi criado em 31 de maio de 2006 e desde então, juntamente com a Secretaria de Patrimônio Cultural e Turismo, vem desenvolvendo uma política cultural de integração entre as diversas modalidades de expressão artística. Essa política se materializou na oferta de cursos de teatro livre, técnico em teatro (2014 a 2016) e dança, tendo em sua história mais de 2.500 alunos.

² Sediada na Praça Dr. Guilherme s.n. – Complexo Turístico da Estação – Centro de Itabirito/MG. Fundada pela Lei nº 50 de 26 de novembro de 1949.

*Luz do Centro Cultural de Formação e Entretenimento Alumia*³, realizando *contações de histórias* semanais. O *Alumia* atua desde 2016 proporcionando experiências culturais aos moradores da região da Lagoa das Codornas. Por se tratar de uma área rural da região de Nova Lima/MG, o *Alumia* nasceu com o intuito de se tornar um centro de referência cultural para os moradores locais, a fim de se desenvolverem culturalmente, profissionalmente e socialmente por meio do encontro e da participação nos cursos, oficinas e eventos ofertados pelo projeto.

As duas últimas experiências relatadas acima (*Biblioteca e Projeto Alumia*) serão base da construção desta monografia, assim como a experiência do meu 2º estágio Supervisionado de Planejamento e Regência na escola Monsenhor Castilho Barbosa.

No primeiro capítulo, *A Contação de Histórias*, tratarei sobre os aspectos gerais da *Contação de Histórias*, abordando principalmente a metodologia que utilizo e as potências que enxergo nesse processo de ensino-aprendizagem. Refletirei sobre a contação como incentivo à leitura a partir dos escritos de Paulo Freire sobre a importância do ato de ler e da *Abordagem Triangular* proposta por Ana Mae Barbosa. Falarei ainda sobre a contação enquanto atividade de troca e interação, onde é preciso dar voz ao espectador usando por base a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Por fim, neste capítulo, farei uma reflexão sobre o ensino pelo imaginário, para tal levantarei um breve histórico sobre a infância baseado nos estudos de Gizela Marques Pelizzoni e abordarei ainda, o conceito de imaginário cunhado pela psicanálise.

Discorrerei no capítulo dois, *Contação de Histórias em espaços formais*, sobre a contação realizada nesses espaços de ensino, partindo da experiência do meu 2º Estágio de Planejamento e Regência, realizado na *Escola Monsenhor Castilho Barbosa*⁴, com a turma de 2º período da Educação Infantil. Para subsidiar tal reflexão trabalharei com a ideia da utilização da contação como método de ensino de artes na educação infantil, levando em consideração as exigências da BNCC

³ Localizado na rua Alameda das Amendoeiras, 948, Estância Estoril I, Nova Lima / MG. Atua nas comunidades dos Bairros Estância Estoril I e II e entorno (local conhecido como Lagoa das Codornas ou Codornas). O projeto conta com o apoio da Santafé Transportes para locomoção dos alunos, do sacolão ABC Plus e da Padaria Bonna Massa Vale do sol com o fornecimento dos lanches e da Vale com o investimento em três subprojetos: Ponto de Luz, Conectando e Pop Salão.

⁴ localizada na Rua Prefeito Washington Dias - Barra, Ouro Preto/MG

(Base Nacional Comum Curricular) para esta etapa do ensino. Pensarei ainda na amarração que pode ser feita entre a contação, o teatro e outras linguagens artísticas.

O terceiro capítulo, *Contação de Histórias em espaços não formais*, abordará a *Contação de Histórias* no contexto desses espaços. Neste capítulo serão abordadas minhas experiências supracitadas na *Biblioteca Pública de Itabirito* e no *Projeto Alumia* em Nova Lima, trazendo reflexões teóricas acerca da contação e suas relações com noções de pertencimento, comunidade, identidade e patrimônio.

Por fim, nas considerações finais, ponderarei sobre meu papel enquanto atriz e docente e sobre como me insiro e me vejo nesse processo de mediação das contações e pensarei a *Contação de Histórias* para além da minha experiência pessoal, mas como uma metodologia artístico-pedagógica para o ensino do teatro.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias é algo que gosto de fazer, que faz parte da minha formação e que permite aliar meu trabalho de atriz ao meu trabalho de arte-educadora. Afinal de contas resolvi ser atriz, justamente, porque amo ouvir e ler histórias e porque só isso não me basta, eu preciso vivenciá-las no corpo, na voz, na psique. A contação abraça essa junção artístico-pedagógica. Além do mais, ouvir histórias faz parte da nossa constituição cultural e da nossa identidade. Contamos histórias o tempo todo: nosso corpo conta uma história, nossas vestes, nossa personalidade, nosso olhar. História é identidade, pertencimento, entendimento e leitura de mundo.

A aquisição de linguagem (oral, escrita ou visual) nos permite estabelecer comunicação e assim construir nossa subjetividade e nossas relações com o mundo. Danilo Santos de Miranda diz sobre a *contação de histórias*:

Contar histórias é uma arte ancestral, cujo fascínio sobre o ser humano permanece, ao longo do tempo, colaborando para a consolidação do imaginário coletivo e enredando narradores e ouvintes em uma mesma trama. Desde a infância e por toda a vida, ela faz parte da construção da identidade e da afetividade. Nesse sentido, a fabulação nos possibilita experimentar o prazer de perceber o mundo e a existência por meio de representações que nos levam a conhecer outras realidades, e a refletir, transcender e desenvolver uma acuidade sobre o real, nos habilitando a

percebê-lo sob um olhar renovado (MIRANDA *in* MEDEIROS; MORAES, 2015, p.9).

A história nos permite sair do nosso mundo, das nossas regras, do nosso etnocentrismo e nos ajuda a enxergar outras histórias, para que então possamos relacionar com as nossas, e desenvolver a empatia. A história nos permite aprender divertindo, promove a alteridade, como destacam Christina Feldman e Jack Kornfield ainda em seu livro *Histórias da Alma, Histórias do Coração*:

Ouvir histórias de outras pessoas, aprender com elas, é como perceber um fecho de luz em nosso próprio entendimento. Através dessas histórias, somos unidos ao outro – a homens e mulheres, a animais e anjos, a seres de todas as épocas e culturas – e aprendemos a nos enxergar sob a ótica do diferente. Aprendemos, talvez, a rir um pouco de nossos absurdos, das nossas pretensões e das sinuosidades em meio às quais tantas vezes nos perdemos. Conseguimos vislumbrar uma nova perspectiva. Uma boa história cria uma ponte entre a vida individual de cada um e os desígnios e maravilhas da vida universal. (FELDMAN. KORNFIELD. 1994)

É de extrema importância dar continuidade a essa tradição do contar histórias, que é algo que faz parte da nossa constituição enquanto seres humanos. O problema é que muitas vezes a própria escola nos distancia do prazer de ler, de buscar histórias, porque o torna um ato burocrático, rígido, obrigatório. Contar, ler e ouvir histórias é algo que nos é natural, orgânico, fluído e que nos ajuda a entender nossa realidade ao mesmo tempo em que fugimos dela.

2.1 Metodologia

2.1.1 A Contação como Incentivo à Leitura

A leitura é crucial na formação do indivíduo e na formação do nosso imaginário, ela nos leva a ter autonomia e se estabelece como meio de comunicação imprescindível nos dias atuais, além de nos permitir compreender melhor o mundo.

É claro que nossa formação, enquanto indivíduos, perpassa vários constituintes além da leitura, mas ainda sim, esta é essencial. Como Paulo Freire (1989) destaca em *A importância do ato de ler*, a leitura de mundo precede a leitura da palavra, mas a leitura da palavra vai potencializar a leitura de mundo. O autor utiliza o termo *palavramundo* em seu estudo, que seria a leitura da palavra que leva

à leitura crítica de mundo. Acredito que a *Contaçon de Histórias*, assim como a leitura, pode nos fornecer material para ler o nosso entorno e para nos ler nesse mundo de forma crítica.

Os processos de contaçon que partilho nunca se limitam à simples leitura de palavras, no geral, sempre procuro aprofundar a leitura das palavras e imagens trazidas pelo livro, por isso as contações são sempre precedidas, desenvolvidas e sucedidas por atividades, brincadeiras e conversas que ajudarão na compreensão crítica do que foi lido. Algo que estabeleci como premissa em minhas contações é que elas sempre são realizadas utilizando o livro como elemento principal da intervenção. Para mim é sempre importante que os ouvintes vejam o livro e vejam que a contaçon surgiu dali. É importante ressaltar também a importância da leitura visual, já que o público alvo das contações que compartilho são crianças, muitas vezes ainda não alfabetizadas decorrente da faixa etária. Nesse caso, a leitura visual das ilustrações dos livros, assim como o uso de elementos figurativos e representativos são cruciais para que a criança se prenda à narração e consiga elencar elementos ao seu imaginário, pois:

Falar de história da literatura infantil sem abranger as duas linguagens que a compõem (verbal e visual) é, no mínimo, um equívoco. A imagem é um texto visual promotor de valores, culturas distintas e conhecimento. Portanto, é imprescindível abordar seu papel em qualquer estudo histórico e analítico sobre o gênero (RODRIGUES *in* MEDEIROS; MORAES, 2015, p.238).

Figura 1 – Livros infantis e suas ilustrações



Fonte: Acervo Autora – Livros que aparecem na foto: *A Grande Fábrica de Palavras* (2010) de Agnes de Lestrade e ilustrações de Valéria Docampo; *O menino Coração de Tambor* (2013) de Nilma Lino Gomes e ilustrações de Maurício Negro; *Lá no fundo do peito* (2012) de Mauro Martins e ilustrações de Marlette Menezes e *A Caligrafia de Dona Sofia* (2011) de autoria e ilustração de André Neves.

A leitura infantil é concomitante, uma vez que une a palavra à ilustração, ambas tem o mesmo peso, muitas vezes a imagem chega a substituir o texto e contar por si mesma a história. É importante enquanto contadora de histórias associar essas leituras e incentivá-las, ampliá-las. Atualmente, a sociedade está exposta a uma forte cultura da imagem, onde somos bombardeados midiaticamente o tempo todo por uma série delas e é importante realmente lê-las no sentido crítico. Como ressalta Ana Mae Barbosa:

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização letral, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual.

Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora. (MAE, 1995, p. 63)

Enfim, trabalho a contação também como incentivo à leitura, porque penso a leitura como uma prática política e libertadora que permite ao sujeito buscar sentidos ou encontrar caminhos para as suas dúvidas. Expressar-se pela oralidade e escrita de forma consciente, permite a criação, a criatividade, a interpretação, a ressignificação, a humanização e a constituição do imaginário. A leitura abre possibilidades e como Ana Mae Barbosa explicita na citação acima, ela é crucial para leitura de si e do mundo, acredito em uma leitura que extrapola a alfabetização letral, mas que vá de encontro a uma leitura sensível, crítica, artística e visual.

2.1.2 Contação Interativa

A *contação de histórias* se dá por meio do contato com o outro. Uma história que nunca foi contada, não existe, ela morre. O ato de contar pressupõe que exista o narrador, o ouvinte e a linguagem entre eles (escrita, oral, visual, audiovisual, musical), é assim que o ato de contar se concretiza e é assim que ele ganha novos significados, porque as histórias mudam considerando quem as compartilha: quem escreve coloca um pouco de si, quem ilustra coloca um pouco de si, quem conta/narra coloca um pouco de si e quem ouve coloca um pouco de si. Neste momento, quando se compartilha, as subjetividades se introduzem na história e as modificam.

Levando em conta tudo isso, não consigo imaginar uma contação que parta do princípio de que o narrador conta e os ouvintes somente ouvem. A troca tem de acontecer, por isso, considero a interação fator crucial na minha metodologia. Acho que a leitura, interpretação e apresentação dos textos tem de ter pausas para que as crianças possam se introduzir, falar o que pensam, me interromper, tirar dúvidas, me contar suas histórias enquanto eu conto as minhas. A contação tem de ser interativa, tem de permitir que a criança se introduza no processo. Posteriormente, nas considerações finais desse trabalho, abordarei com mais ênfase essa mediação que proponho. Mas, basicamente, o que intenciono é uma mediação na qual eu estou entre os elementos (obra, espectador, espaço...) e eu meio a troca, a experiência, não é minha visão da obra que é repassada, é a leitura feita no momento presente por todo o grupo que reverbera. Paulo Freire estabelece em seu livro *Pedagogia do Oprimido* o termo Educação Bancária e é a esse tipo de educação que tento me distanciar. Segundo o autor “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (1987, p.33). O intuito da contação é outro, é dar voz por meio da experiência de ouvir e interferir na história.

2.1.3 Reflexão Crítica da Leitura

Como supracitado, mais do que fazer a leitura de um livro, é importante que haja uma reflexão crítica sobre o que foi lido. Para que isso aconteça proponho, primeiramente, essa contação interativa, onde a criança pode intervir e fazer sua leitura junto comigo.

Inicialmente, é importante ressaltar que a escolha dos livros e principalmente da metodologia é crucial para que essa leitura crítica aconteça. O livro tem que trazer histórias que façam sentido para a criança e a metodologia deve facilitar o entendimento e compreensão. Para fazer essa classificação pode-se usar por base os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, embora seus estudos não sejam limitantes.

O primeiro estágio descrito por Piaget é o estágio da inteligência sensório-motora que abarca crianças de 0 a 2 anos aproximadamente. Neste estágio a criança conhece o mundo por meio das sensações, já que não possui a linguagem verbal. Esta é uma fase extremamente sensorial. A criança atribui existência ao que

ela vê e é nessa fase também que a criança começará a desenvolver a noção de causalidade.

O segundo estágio é o estágio Pré-operatório ou das Representações e ocorre entre os 3 e 7 anos de idade aproximadamente, nesta fase a criança supera o estágio anterior, uma vez que consegue representar, imaginar algo que não existe concretamente. É importante citar que aqui as representações ainda possuem um caráter egocêntrico (termo cunhado pela psicanálise e que influencia o trabalho de Piaget), ou seja, a criança representa e cria histórias para ela e não com o intuito de socializa-las. Nesta fase pode-se perceber o desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget onde é necessário passar de uma fase à outra. Para a criança no período sensório-motor só existe aquilo que ela pode ver, já na fase posterior do estágio Pré-operatório ela consegue conferir existência a algo que não é concreto, mas existe no seu imaginário, ela consegue representar.

O período operatório caracteriza o terceiro estágio e acontece a partir dos 7 anos de idade. Nesse estágio a criança consegue estabelecer uma relação lógica com a realidade, conseguindo fazer relações de reversibilidade, que consiste em usar uma operação lógica e conseguir invertê-la, como se faz nas operações matemáticas quando se faz uma multiplicação, por exemplo, e usa-se da divisão para comprovar o resultado.

O período operatório se divide em Operacional Concreto e Operacional Formal. A fase operatória concreta é localizada entre os 7 e 11 anos aproximadamente. Nesta fase a criança começa a operar na lógica da reversibilidade, mas para isso ela precisa de um elemento concreto, real. Ela consegue pensar, por exemplo, que se ela tem doze reais, ela consegue comprar seis maçãs de dois reais cada e consegue fazer uma operação tanto de multiplicação, quanto de divisão para comprovar o resultado, mas essa criança ainda não consegue lidar com elementos hipotéticos como em uma equação de primeiro grau, por exemplo, em que é preciso encontrar o valor da incógnita mas ela não está ligada a nenhum elemento concreto/real. É nesta fase também que a criança sai da visão egocêntrica e começa a entender a importância de se fazer compreender pelo outro. O último período é o operacional formal que ocorre entre 12 e 15 anos. Nesta fase, a criança/adolescente desenvolve o raciocínio hipotético-dedutivo, ou abstrato.

Considero que os estudos de Piaget podem ajudar a entender principalmente quais são as melhores metodologias para a contação, considerando que seus estudos não são limitantes, uma vez que acredito que cada criança possui seu desenvolvimento próprio e existirá, então, uma série de fatores que influenciarão nesse processo. Mas, os estudos piagetianos podem ajudar a pensar melhor a metodologia que será utilizada, por exemplo, se a contação é realizada para crianças do estágio sensório-motor, eu posso até usar um livro que se enquadraria na fase subsequente, mas eu teria que adaptar a metodologia para torná-lo mais compreensível para a criança do primeiro estágio. Precisaria nesse caso, utilizar o máximo possível de materiais sensoriais. Presumo ainda que é necessário ver a contação da perspectiva da criança e torná-la acessível e interessante para esta.

Para exemplificar como essa leitura crítica acontece, detalharei uma experiência: em uma das contações que realizei em parceria com a também estagiária de artes cênicas, Gláucia Venâncio, no meu Estágio Supervisionado de Regência II com alunos na faixa etária dos 5 anos, levamos uma história chamada *Lá no Fundo do Peito (2012)* de autoria de Mauro Martins e ilustrações de Marlette Menezes. O livro é indicado para a faixa etária de 8 a 11 anos, mas mesmo assim resolvemos levá-lo, o que de certa forma só mudou o meio de compreensão da história, que foi lida pela criança com base em sua capacidade cognitiva de apreensão do conteúdo. Nesse livro, uma menina chamada Abril, tem um buraco no peito que dói muito e ela procura formas de tapar esse buraco. Em uma parte do livro a menina encontra uma bruxa que também tem um buraco no peito, pois ela perdeu uma receita muito antiga de seus antepassados, a bruxa explica para Abril que “_ Quando acontece alguma coisa muito triste... Ou quando você perde uma coisa. Ou, ainda, quando você perde uma pessoa muito querida, muito amada, o buraco aparece. E quando aparece, ele fica assim, ora incomodando de vez em quando, ora quieto, sem fazer nada.” Enquanto contávamos e apresentávamos as ilustrações, perguntei às crianças: *Alguém aqui já sentiu que tinha um buraco lá no fundo do peito, assim como a Abril e a bruxa?* E então fui inundada por respostas variadas: “*Sim, eu sinto isso quando tô com saudades do meu pai*”, “*eu sinto isso quando estou triste*”... Isso, pra mim, significa que as crianças tiveram uma leitura crítica do texto, ou seja, elas conseguiram se inserir, compreender a partir da

perspectiva delas o que o livro tratava e assim trabalhar ou pensar e compartilhar suas questões.

Figura 2 – Livro Lá no Fundo do Peito



Fonte: Acervo Autora – Livros Lá no fundo do peito (2012) de Mauro Martins e ilustrações de Marlette Menezes

Um das atividades que realizamos após essa contação foi dialogar com as crianças sobre os nossos sentimentos. Nós estávamos em roda e então eu falava um sentimento e uma criança definia para mim o que era aquele sentimento. No processo eu ia anotando tudo em um papel craft grande, os alunos estavam iniciando a alfabetização, então à medida que eu escrevia um sentimento, a gente olhava com qual letra a palavra do respectivo sentimento começava e quantas sílabas ela tinha. Era uma forma de associar a contação às atividades do processo de alfabetização. A ideia desse exercício surgiu inspirada no livro infantil *Casa das Estrelas - O Universo pelo olhar das Crianças* (2018) de Javier Naranjo, neste livro o autor coletou definições que seus alunos davam as palavras, objetos, ideias, pessoas e sentimentos. Na nossa experiência, o resultado foi esse: *Alegria: Coelho / Tristeza: Chorar / Raiva: Árvore caindo / Dor: A dor é menor quando alguém está junto / Calma: Feliz / Amar: Cuidar de Alguém / Dor: Choro / Tristeza: Quando te batem e você tem que dormir para melhorar / Medo: Cobra, medo de sentir dor, tem que ficar perto da mãe / Amizade: Contar o que sente / Carinho: Abraço / Solidão: Tristeza, Falta de amizade / Saudade: Quando alguém foi embora para um lugar, você querer alguém perto e ela não poder estar.* Quando as crianças ressignificam os sentimentos após ouvir a história, é perceptível que elas percebem suas questões

dentro do que elas ouviram e assim conseguem nomear e explicar melhor o que sentem.

Nas crianças, é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas a usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. Ou então se apropriam de fragmentos, como tijolos de significação que combinam à sua moda para levantar a obra de determinado assunto que lhes questiona (CORSO; CORSO, 2006, p. 28 e 29).

Em uma das contações realizadas na biblioteca, em parceria com a atriz e contadora de histórias, Larissa Ribeiro, para um público adolescente, usamos o livro *Ópera Brasil de Embolada* de Rodrigo Bittencourt e ilustrações de Maurício Negro. O livro conta de forma lírica a história do Brasil no contexto político, social e cultural. No início aparece o trecho: *Meu nome é Brasil. Tudo em mim contém maravilha e terror.* Fizemos então a pergunta: *Quais são as maravilhas e terrores que encontramos no Brasil?* Uma das turmas, inicialmente, só conseguiu nos listar as maravilhas, aquelas que decoramos na escola: *matas, animais, mares, rios...* Quando perguntamos sobre os terrores a resposta foi o silêncio. Instigamos então sobre as maravilhas que nos contaram, se eles sabiam como estavam nossas florestas, mares, matas... E depois instigamos sobre as mazelas, para que eles nos contassem algo que não achavam legal e só então começaram a surgir os comentários: *tráfico, assassinato, corrupção, queimadas...* Acredito que às vezes falta aprofundar nessas questões, dar possibilidade que as crianças e adolescentes consigam ler para além do que já está dado, para além das leituras que já nos foram passadas prontas para que decorássemos e repetíssemos. Eu trago aqui, como exemplo, apenas uma frase do livro para a qual levantamos um questionamento, nós poderíamos facilmente termos lido essa frase e seguido à leitura a diante, mas acho que para que uma leitura crítica aconteça, é preciso ler as entrelinhas, e é preciso ler em conjunto, no sentido de dar a possibilidade que cada um faça suas associações, escute as percepções do outro e chegue às próprias reflexões.

Enfim, a leitura crítica nos leva de alguma forma a questionar e procurar compreender a nós mesmos e o mundo que nos cerca. A leitura reverbera algo em nós, seja sonhos, dúvidas, medos, críticas... Ela é política, subjetiva e social, ou seja, ela é política visto que reflete nossas questões de mundo; subjetiva, dado que ela sempre será diferente para cada pessoa, em virtude de que a leitura se dará por

todo um histórico que forma nossa subjetividade; e é social já que acontece na troca entre, pelo menos, três pessoas (o autor, o contador e o interlocutor). Para além disso, leitura requer aprofundamento, requer dar voz, ouvir as reverberações, acredito que não é simplesmente ler e simplesmente explicar, chegar com respostas prontas e sair com respostas prontas, é refletir num processo que não acaba com a leitura, mas que seja contínuo, que vá nos constituindo no processo.

2.1.4 Ensino pela Imaginação

O Olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É possível transver o mundo.

(Manoel de Barros)

Contar histórias, ainda mais para crianças é ver a imaginação delas de forma quase palpável, é ver esse mundo encantado e mágico surgir em cada olhar. Então, essas experiências de contação são muito importantes pra mim, porque eu ensino e aprendo no campo do imaginário. Como meu trabalho se dá, principalmente, com o público infantil traçarei aqui um breve histórico da infância, usando como base a tese em Educação *Os Miúdos Circos (2017)* de Gizela Marques Pelizzoni. Em sua tese a autora aborda a natureza efetiva da criança (que estuda a criança em si própria) e a natureza ontológica da infância (que estuda o que faz com que uma criança seja criança).

A autora começa trilhando a história da infância pela perspectiva filosófica racionalista para apresentar ao leitor as diferentes leituras acerca da criança ao longo da história. São discutidas as base teóricas dessa vertente filosófica a partir dos estudos de Platão, Santo Agostinho e Descartes que caracterizam a criança como seres em transição que devem ser “adestrados” e “domesticados” para a vida adulta, uma vez que ainda é um ser incompleto, imaturo e irracional, assim para os racionalistas a infância é concebida como a falta de razão.

Em uma segunda abordagem a autora aborda a visão do romantismo rosseauniano que vê a criança como o bom selvagem. Nessa concepção a criança é essencialmente boa e passível de ser corrompida pelos artifícios da cultura. Essa

corrente se pauta na confiança na natureza humana, defendendo a ideia de que todo ser nasce bom, mas é desvirtuado pelas relações em sociedade.

Em sua tese, logo após as abordagens acima referenciadas, Pellizzoni explana sobre os avanços nos estudos sobre a infância trazendo uma vastidão de áreas que contemplam esses estudos dentre elas, a psicologia, antropologia, sociologia, pedagogia, geografia, filosofia... A sociologia da infância inaugura esses estudos na década de oitenta e passa a pensar a criança enquanto ser ativo e participante, pesquisando assim seus modos de pensar e agir. Anteriormente, a infância não era estudada, apenas as instâncias encarregadas de sua socialização e formação. A partir daí começa-se a se estudar também uma cultura da infância que pesquisa os modos como as crianças interpretam, comunicam e simbolizam suas percepções de mundo. Tais estudos levam à uma pluralidade do universo infantil, à inúmeras possibilidades das crianças vivenciarem o mundo.

Mesmo trazendo em sua tese essa pluralidade infantil, Pelizzoni busca ainda semelhanças em ser criança, ou seja, coisas que são comuns à infância. Para determinar tais semelhanças ela recorre primeiro a dois referenciais teóricos que são Lydia Hortélio e Sebastião Salgado. Lydia Hortélio descreve a criança como um *ser humano ainda novo* que brinca com brincadeiras semelhantes e tem movimentos singulares. Sebastião Salgado, mesmo fotografando crianças nas condições mais adversas de sobrevivência, explicita que estas são *a fonte mais profunda de energia* (SALGADO in PELLIZZONI, 2017, p.30). Para completar seu pensamento a autora traz ainda Manoel Sarmiento que defende que embora diversas, são crianças acima de tudo.

Por fim, para traçar semelhanças entre as infâncias, Pelizzoni traz Walter Benjamin⁵ e Manoel de Barros⁶ com suas reminiscências para assim ver a infância através do olhar de dois adultos poetas que rememoram seus tempos de criança. A autora ressalta que as crianças tem uma lente própria de percepção da realidade que escapam da lógica hegemônica da racionalidade. Analisando os modos de experiência infantil por meio dos escritos de Benjamin e Barros, a autora indica três

⁵ foi um ensaísta, tradutor, crítico literário, filósofo e sociólogo judeu alemão que viveu entre o final do século XIX e meados do século XX.

⁶ Premiada poeta brasileiro do século XX

experiências básicas: o modo de olhar, caminhar e de se metamorfosear com o mundo.

Nesta reflexão são ressaltados um modo de olhar que é próprio da criança, que tem um senso profundo de ver. Modo este que é expropriado de nós, adultos. Segundo a autora, a criança tem um foco do olhar voltado para as insignificâncias que promove a redenção de objetos desprezíveis, tornando visível outro mundo. Quanto ao modo de caminhar, Pelizzoni ressalta um modo de caminhar que é desviante, que é movido pela curiosidade e que se aproxima de locais que não são centrais. Metamorfosear-se já está ligado a capacidade da criança de recriar a experiência enquanto sensibilidade, reinventando uma relação com o mundo. O trabalho da autora parte de estudos da sociologia da criança e da cultura da infância introduzida por Manoel Sarmiento.

Resolvi trazer as reflexões de Pelizzoni sobre a infância pois estas dialogam com o modo como penso a infância e porque a autora tem essa preocupação de ver a infância sob um ponto de vista da criança e não somente de um adulto tentando compreendê-la e conceitua-la. Pelizzoni (2017, p.21) afirma:

É preciso ser criança para habitar e compreender a infância, pois só a criança sabe que o labirinto é sonho e que no sonho, tudo é possível... Se o universo da infância é esse labirinto de sonho, podemos entrar, podemos até querer novamente habitá-lo, mas ele já não nos pertence, irremediavelmente; somos observadores (PELIZZONI, 2017, p.21).

Levando em conta os modos de experiência infantil explanados pela autora, retomo o modo da criança metamorfosear-se com o mundo para abordar o aprendizado pelo imaginário. O dicionário de psicanálise traz enquanto conceito de imaginário⁷:

Aquilo que se relaciona com a imaginação, isto é, com a faculdade de representar coisas em pensamento, independente da realidade ou ainda, no sentido laciano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo (RODINESCO; PLON, 1998, p.385).

Assim como o conceito referido acima, nas contações percebo que a criança aprende pelo viés do imaginário, ela imagina, cria outras realidades a partir das histórias e assim cria significados de interpretação para o mundo. Ou seja, ela passa

⁷ Embora Pelizzoni trabalhe com o conceito de cultura da infância que se conflita com a visão de infância trazida pela psicanálise, utilizo aqui a definição de imaginário da psicologia, pois acredito que este recorte seja relevante para abordagem do imaginário infantil que trago neste trabalho.

por esse processo de representar a história em seu pensamento, a partir da sua subjetividade (sentido Lacaniano) e assim fazer suas leituras e significações. Sendo assim, a criança utiliza o imaginário para elaborar seus conceitos e compreensões de mundo. O imaginário faz parte do processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil e o ensino das artes contribui para a estimulação deste imaginário. No caso da contação e do teatro, permite à criança criar um universo fictício, explorar e vivenciar esse universo por meio da imaginação e assim transportar essas vivências para a realidade ou mesmo transportar sua realidade para o universo imaginário e assim achar significados para as suas questões. Thiago Carvalho Meira apresenta em sua dissertação de mestrado *Os Jogos e o Imaginário: Infância, Subjetividade e Conhecimento* que:

A transposição do real para o imaginário é, na verdade, uma necessidade humana, muito ligada à criança e à aprendizagem, mas facilmente compreendida no trabalho criador do artista, em especial do ator, de recriação do cotidiano vivenciado pelo sujeito. Se o jogo para a criança é uma exigência evolutiva; para o artista, é uma necessidade de expressão; já para o espectador, proporciona uma nova compreensão daquilo que o rodeia: a realidade. É bom lembrar que a arte também pode se dar pelo caminho reverso, do imaginário para o real. (MEIRA, 2017, p.16).

Assim, a história permite juntar artista e criança no campo do imaginário. A história, enquanto enredo fictício sempre exige sua incorporação no imaginário que criará imagens para o que é lido, ou criará enredo para as imagens que são apresentadas. Calvino determinará esse caminho do processo imaginativo como “da palavra para a imagem visiva e o outro que surge da imagem visiva para chegar à expressão verbal” (CALVINO *in* MEIRA, 2017, p.17). Acredito que esse processo é muito natural no nosso imaginário, quando lemos ou escutamos uma história, automaticamente, nosso imaginário cria imagens para o enredo que estamos lendo ou escutando. Assim como o processo reverso também acontece, quando apresentamos um livro, por exemplo, para uma criança que ainda não é alfabetizada e pedimos que ela nos conte uma história, a criança cria imagicamente uma trama a partir das imagens que o livro lhe apresenta.

A criança, diferente do adulto, tem uma capacidade imaginativa que é muito mais explorada, uma vez que se encontra na fase da descoberta, que está procurando entender o mundo. O adulto, como já tem respostas concretas e científicas inibe seu processo imaginativo e destina seu foco para o conhecimento que já está estabelecido, que já é hegemônico. Para um adulto, dentro do seu

cotidiano, por exemplo, um cabo de vassoura é apenas um cabo de vassoura, mas para uma criança ele pode ser um cavalo, uma espada, uma corda bamba, uma bengala. A criança vive naturalmente no mundo do imaginário que faz parte do seu processo de conhecimento do mundo.

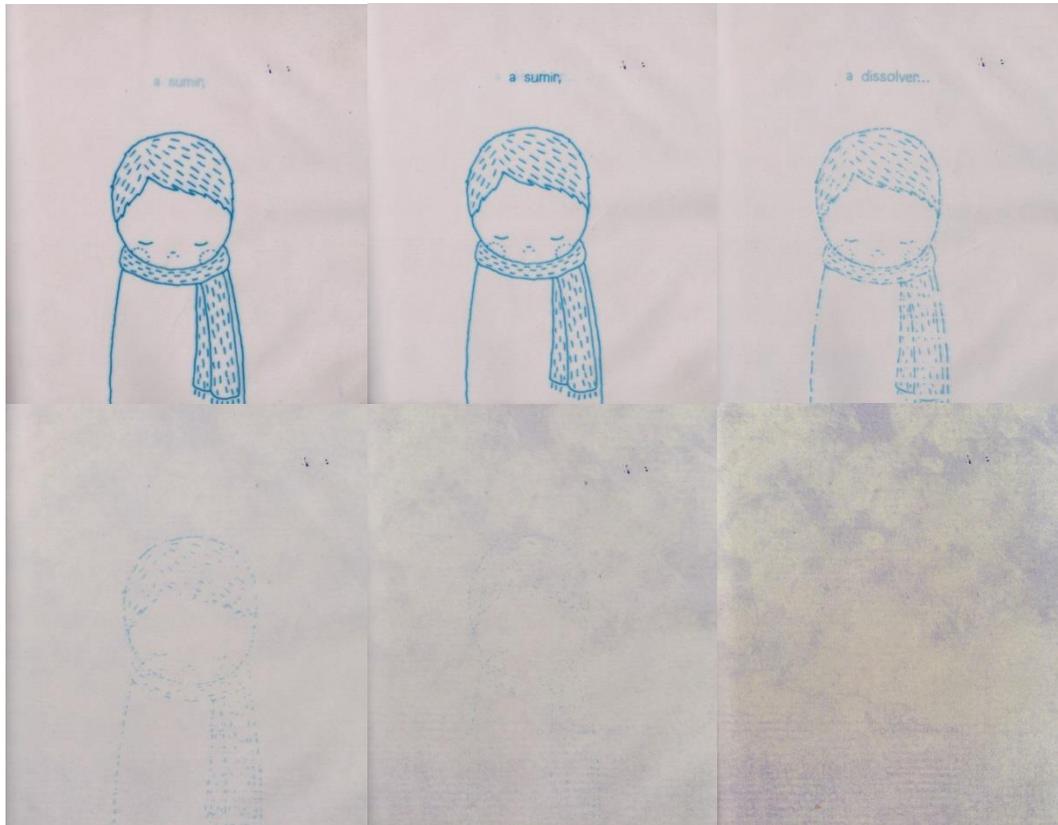
Em uma das contações realizada na biblioteca pública de Itabirito com minha parceira de trabalho Larissa Ribeiro, estávamos trabalhando memória e cada aluno levou um objeto que era importante para si e o apresentou contando também sua história. Um aluno, Davi de 10 anos, chegou e se apresentou da seguinte forma: - *Meu nome é Davi, eu sou o diretor da escola e vim aqui trazer os alunos... Eu cuido de tudo lá, pago as contas, eu trabalho muito.* Em nenhum momento pedimos para que eles contassem uma história fictícia, mas ele quis se apresentar no campo do imaginário e então compramos a história dele e ele nos contou como fazia a administração da escola. Esse relato mostra como para a criança o ato de imaginar e fazer de conta é natural.

Quando abordo a aprendizagem por meio do imaginário quero ressaltar que a criança realmente se implica imageticamente nas histórias e assim acessa o conteúdo de uma forma que está além de aprender conceitualmente e cientificamente, mas que está no campo do sensorial, do sensível e do subjetivo, onde cada um poderá formular seus entendimentos de mundo.

Considero também que é um aprendizado pautado na experiência, na vivência cinéptica, porque na verdade, o que a contação faz é justamente instigar a imaginação, a representação e o faz de conta e é muito emocionante ver o quanto a criança está aberta à imaginação.

Em uma das contações que fiz no projeto *Alumia* para uma turma de 2 a 5 anos, usei o livro *O Menino que queria virar vento* (2012) de autoria de Pedro Kalil Auad e ilustração de Luisa Helena Ribeiro. No livro dois amigos, uma menina e um menino, que moram muito longe um do outro querem se ver e conseguem fazer isso através da imaginação e sensibilidade. Em um dado momento, a menina fala “Fecha os olhos e imagina que você está virando vento”. O menino responde “Me empresta um pouco do seu azul, eu vou precisar”, então a menina sopra seu azul e acompanhamos através de uma ilustração extremamente sensível o menino virando vento e indo visitar a amiga.

Figura 3 – O Menino que queria virar vento



Fonte: livro *O Menino que queria virar vento* (2012) de autoria de Pedro Kalil Aued e ilustração de Luisa Helena Ribeiro

Depois da contação realizei uma atividade com os meninos, levei um por um para o lado de fora e repeti o processo do livro: Pedi que eles fechassem os olhos, soprei neles purpurina azul e girei-os no ar e então eles diziam “Eu estou voando”. Quando voltavam pra sala e eu levava outra criança para a vivência, eles diziam: “Vai, você vai voar”. Depois brincamos com aviões de papel, corremos e exploramos o vento e as diversas possibilidades de voar.

Figura 4 – Atividades no Projeto Alumia



Fonte: Acervo Fotográfico da autora (2019)

Nesse sentido pra mim, fica nítida a diferença do imaginário adulto pra o infantil, quando programei a atividade pensei em levar algo que pudesse dar à eles a sensação de voar, mas para eles a experiência foi voar. Analisando do ponto de vista psicanalítico:

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. (CORSO; CORSO, 2006, p.20)

Acredito que a história nos permite realizar nossas fantasias, trabalhar nossos medos, vivenciar o inimaginável, descobrir caminhos, viver a empatia. A partir dessas reflexões, considero que a imaginação nos constitui enquanto sujeitos, nos faz encontrar significados para nossas questões, instiga nossa criatividade, nossa capacidade de ver o mundo de várias perspectivas e de subverter conceitos que já estão normatizados. Dessa forma, creio que a imaginação é crucial para o desenvolvimento da infância uma vez que faz parte de sua compreensão de mundo e atua ainda no campo político, trazendo para o processo de ensino aprendizagem uma vertente subversiva, que questiona, analisa e lê o mundo de forma crítica.

3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS FORMAIS

Nesta parte relatarei a experiência do meu Estágio de Regência II⁸, realizado com a turma de 2º período da Educação Infantil.

Inicialmente, minhas atividades foram ministradas juntamente com a também estagiária Glaucia Santos de Oliveira Venâncio. Nossa parceria se deu até metade das aulas lecionadas, depois eu dei continuidade às práticas individualmente.⁹ O principal método de ensino-aprendizagem utilizado foi a *Contação de Histórias*.

3.1 Contação como base do Ensino de artes na Educação Infantil

A programação das aulas acontecia da seguinte forma, para cada dia, era escolhido um livro infantil com temas que julgávamos formativos (gênero, inclusão, imaginação, musicalização, autoconhecimento, relações de afeto, entre outros). A partir desse livro todas as demais atividades eram escolhidas para terem ligação com a história e ajudarem na fixação do conteúdo, além de trabalhar a linguagem teatral, área de nossa formação, com as crianças.

A rotina básica se dava da seguinte forma: para o início das aulas, eu e Gláucia montamos um exercício de prática de afetos. Quando as crianças chegavam na sala de aula, quatro cartazes estavam fixados na porta com os desenhos de coração, estrela, mão e olhos, que significavam respectivamente abraço, troca de energia, aperto de mãos e troca de olhar. Eu e Glaucia nos posicionávamos na porta da sala e quando cada criança chegava ela podia escolher um dos desenhos e fazer essa troca de afetos com a gente. Este exercício foi proposto com intuito de nos aproximarmos dos alunos, construindo uma relação mais afetuosa e menos hierárquica. Logo após fazíamos sempre um alongamento/aquecimento vocal e corporal com as crianças, sempre pautado na história que seria contada no dia. Realizar esses alongamentos e aquecimentos foi crucial pra estabelecer uma rotina de cuidado e preparação do corpo e da voz para execução das atividades.

Conseqüentemente, era realizado algum jogo teatral com o objetivo de trabalhar a concentração, a coordenação, a cumplicidade e instaurar a energia no

⁸ Escola Municipal Monsenhor Castilho Barbosa, localizada na Rua Washington Dias, 29, Barra em Ouro Preto/MG;

⁹ As aulas foram realizadas nas quartas-feiras, do dia 27/03/2019 ao dia 10/07/2019, das 12:30 horas às 17:00.

grupo. A turma estava composta por dezenove alunos de 5 anos. É uma idade onde a energia da descoberta ainda impera e que é preciso ter uma atenção difundida para conseguir abarcar as crianças em todas as proposições e mantê-las dentro da proposta. Como é uma fase ainda egocêntrica, onde a criança começa a conviver no coletivo, os jogos tinham por objetivo também trabalhar essa inter-relação pessoal que é de extrema importância dentro das práticas teatrais.

Posteriormente, era realizada a *Contação de Histórias*. As crianças do segundo período estão no início da alfabetização e é extremamente importante que a escola procure novos métodos de ensino, onde a criança não aprenda a ler por pura obrigação, mas que ela sinta a necessidade e a vontade de descobrir o mundo das palavras.

Durante as contações sempre trabalhávamos diversos elementos como a dramatização e a musicalização. Nessa faixa etária é preciso meios de interação que permitam às crianças se conectar com a história e o uso da música, de adereços, objetos cênicos e interpretação ajudam na concentração do ouvinte. Após a contação eram realizados exercícios de fixação, onde através dos jogos teatrais trabalhávamos aspectos importantes tratados pela história.

É importante ressaltar que quando realizamos estágio na escola formal, nossas aulas entram como disciplina de artes, e embora as aulas sejam ministradas na nossa área de domínio, no caso, o teatro, o conteúdo básico das aulas contempla as cinco áreas de linguagem das artes: teatro, música, artes visuais, dança e audiovisual. Com a contação conseguimos trabalhar essa interdisciplinaridade, é claro que o foco de elaboração dos planos de aula tinha sempre por base os conteúdos teatrais, que é o nosso campo de especialização, mas todas as demais áreas foram abordadas, sendo assim, esta metodologia atende também as exigências da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Os planos de aula encontram-se no apêndice desta monografia.

Segundo a BNCC em consonância com a DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil) os eixos estruturais das práticas pedagógicas para a educação infantil são as interações e brincadeiras, aspectos esses que foram base nos trabalhos desenvolvidos a partir das contações de histórias.

A BNCC traz ainda seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para esta fase da educação básica, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Nas contações de histórias e atividades provenientes, esses direitos são contemplados também. A convivência torna-se fator imprescindível para o estabelecimento do diálogo e comunicação; o brincar torna-se parte dos processos de entendimento e compreensão do conteúdo; participar, como já refleti neste trabalho, é uma das bases da metodologia que emprego nas minhas contações; explorar movimentos, sons, emoções, histórias, relacionamentos, elementos é parte da pedagogia interativa que proponho; expressar e conhecer-se é o principal, já que ouvir histórias requer identificação, e ressignificação para assim possibilitar leituras de mundo.

Por fim, a BNCC faz a organização curricular da Educação Infantil em cinco campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Embora a proposta da contação como método de ensino perpassasse esses cinco campos de experiência, trago agora um trecho da descrição do campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação* que traz alguns dos principais objetivos que busco com a utilização da contação no meu trabalho:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (BRASIL, 2017, p. 44)

A descrição deste campo de experiência mostra que a BNCC já contempla nos conteúdos básicos a serem abordados na educação infantil a importância do contato e vivência das crianças com a literatura infantil, sendo assim utilizar a contação como método de ensino nesse estágio educacional é para além de uma proposta, um forma de garantir que as crianças tenham acesso a esse campo de experiência e que possam ampliar suas investigações e práticas no campo da leitura.

3.1.1 Contação de Histórias e Teatro

Eu sempre contei histórias enquanto atriz, por isso sempre procuro aliar as atividades do teatro à prática da contação. A *Contação de Histórias* que proponho nunca é a partir de uma leitura simples, uma vez que este processo envolve a entonação, a interpretação, a caracterização, a musicalização, em conjunto ou separadamente, ou seja, contar histórias para mim é um ato artístico.

No meu Estágio Supervisionado de Regência II, foi o momento que aliei ainda mais essas duas linguagens – literatura e teatro - principalmente porque eu tinha tempo para desenvolvê-las conjuntamente. Eu ficava três horas e trinta minutos desenvolvendo atividades com as crianças (de 12:30 as 16:30, extraíndo os 30 minutos de intervalo) e isso me permitiu dar aula de teatro, mas também utilizar a contação de histórias como norte desse processo. Através dela, do livro escolhido, eu e Gláucia traçávamos os jogos teatrais que seriam trabalhados e as experiências teatrais que proporíamos e vivenciaríamos.

Para explicitar melhor como acontecia essa comunhão da contação e do teatro, relatarei uma das vivências. Em uma das aulas, contamos a história *Conversa de Corpo (2013)* de Priscila Freire. O objetivo dessa aula foi conscientizar as crianças a conhecerem o próprio corpo e a explorar as possibilidades de trabalhá-lo; conscientizá-las sobre a importância de cuidar do próprio corpo; sobre a importância do respeito e consentimento sempre que precisar tocar o outro; incentivar a leitura; trabalhar o lúdico; contribuir para a alfabetização e para a musicalização; além de promover o aprendizado por meio da brincadeira.

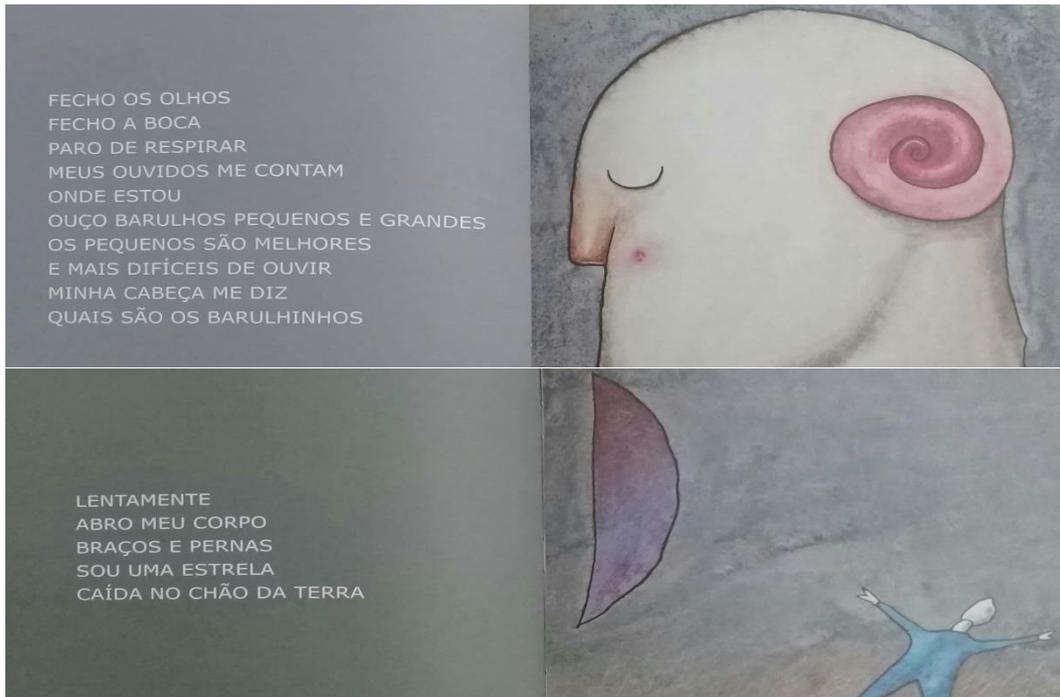
Inicialmente, realizamos a intervenção do afeto, que descrevi acima como parte da nossa rotina, posteriormente fizemos um alongamento corporal explorando

movimentos de cada parte do corpo e um aquecimento vocal. A professora da turma havia nos informado que começaria a trabalhar o corpo humano com as crianças, então um dos motivos de escolher esse livro e as atividades foi para contribuir com o conteúdo que já estava previsto no currículo. Logo após essa rotina de preparação do corpo e da voz, desenhamos dois alunos no chão, um menino e uma menina e fomos nomeando as partes do corpo e escrevendo-as já que as crianças estavam em processo de alfabetização, então sempre que possível, escrevíamos as palavras, olhávamos a letra inicial e fazíamos a divisão silábica para agregar ao processo de letramento. Depois fizemos um caça ao tesouro, onde escondemos partes de um quebra-cabeça que formava a imagem do corpo de uma criança. Quando todas as partes foram achadas, o quebra-cabeça foi montado. Para finalizar a primeira etapa da aula ensinamos para as crianças uma música intitulada *As Partes do Corpo*. Tivemos o momento do intervalo. Ao retornarmos, tivemos o momento do descanso (dois minutos para respirar e acalmar as energias que se afluíram no intervalo) e então fizemos a contação.

O livro da Priscila Freire apresenta um personagem que de maneira poética vai descobrindo seu corpo (as mãos, os pés, a relação entre os dois, a cabeça e seus movimentos, as pernas, braços...) e então junto com as crianças eu e Gláucia íamos repetindo as experiências corporais do protagonista da história. No fim da aula pedimos que eles fizessem um desenho do próprio corpo, lembrando-se de colocar todas as partes que estudamos, já que normalmente eles desenhavam mais o corpo de “palitinho” ou só o rosto e nessa aula eles exploraram mais as partes do corpo no desenho.

Figura 5 – Conversa de Corpo





Fonte: livro *Conversa de Corpo* (2013) de autoria de Priscila Freire e ilustração de Marcos Coelho Benjamim

O processo sempre se dava dessa forma, as ações corporais próprias da improvisação teatral e a *Contação de Histórias* se aliando e se intercalando. Em algumas aulas trabalhamos o corpo, outras a voz, a improvisação, a musicalização... E dentro do processo, eu ia me colocando também enquanto atriz e educadora. Essa convergência das profissões será mais explanada nas considerações finais deste trabalho, entretanto finalizo, esse subcapítulo com uma citação que para mim deixa muito compreensível a ligação da contadora de histórias com a atriz, que utilizam do corpo, da voz e das emoções para transmitir uma história, uma mensagem, um questionamento ou alguma sensação. Daiane Dordete, diz que:

O narrador ou narrador de histórias utiliza seu corpo-voz como material primordial para a criação de imagens e sensações que permeiam toda a narrativa. Do mais espontâneo contador de histórias ao mais profissional, as vocalidades e corporeidades apresentadas intuitiva ou conscientemente na narração conduzem o público a imagens e sensações diversas. (DORDETE in MEDEIROS; MORAES, 2015, p.393)

Assim se aliam a atriz e a contadora de histórias, a base das duas dimensões artísticas em sua essência, é a mesma: corpo e voz. Celso Sisto em seu livro *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias* diz que a contação vira arte “Quando essas histórias visam mais que veicular informações e pré-figurar o mundo,

e preocupam-se mais em afetar o outro, isso já é o caminho da arte.” (SISTO, 2012, p. 148) E essas aulas visavam isto: afetar. Conceitualmente, o teatro associado à contação está próximo ao conceito de teatro-narrativa definido por Patrice Pavis no *Dicionário de Teatro*:

Forma de texto e/ou encenação que usa materiais narrativos não-dramáticos (romances, poemas, textos diversos) não estruturando-os em função de personagens ou de situações dramáticas. O teatro-narrativa acentua o papel de narrador do ator, evitando qualquer identificação com uma personagem e estimulando a multiplicação das vozes narrativas. (PAVIS, 2007, p. 396)

Embora, em algumas contações exista a presença do texto dramático e até mesmo a interpretação de alguns personagens, dependendo da proposta, a *Contação de Histórias*, no geral, está mais pautada na narração, aproximando, portanto do conceito de teatro-narrativo. No entanto essa narrativa ao ser perpassada pelo teatro, uma vez que é narrada pela atriz, transforma-se e ganha novos contornos.

Ao pesquisar o tema da oralidade relacionado ao trabalho do ator de teatro, Marlene Fortuna (2000:71) atenta para a perenidade da escritura teatral (norteada por uma sistemática fixada com base na pontuação léxico-gramatical escrita), em contraposição à efemeridade, ao caráter volátil, da oralidade teatral (que parece resistir às prescrições tônicas da gramática). Sujeita aos impulsos mentais do momento teatral, a fala do ator assume uma prosódia particular na medida em que se entrega à flutuação do ponteio, que decorre “da conjugação dos movimentos psíquicos (emoções, sentimentos, sensações) e dos movimentos físicos (respiração, relaxamento, consciência do corpo)”, subvertendo o próprio sentido da palavra escrita (textual, passada), ao transmuta-la em sonoridade (oral, presente). (FORTUNA in KOUDELA; JÚNIOR. 2015. P. 133)

Ou seja, a narrativa é viva, ela é realizada no momento presente e assim como a arte de atuar é envolta por muitos fatores - corpo, voz, sensações, relação com o espectador, com o ambiente - assim a narração se transforma, ela é efêmera. Cada contação, por mais que se utilize o mesmo livro, os mesmos elementos, nunca é a mesma porque ela depende da troca: entre narrador e espectador, que por vezes alternam também seus papéis; da troca do narrador com o texto, da troca do narrador consigo mesmo trabalhando no agora suas sensações, emoções, fisicalidades, memórias e técnicas.

3.1.2 Contação e outras linguagens artísticas

Acredito na potência criativa da contação de histórias, uma vez que, além de trabalhar um enredo que ajudará a criança a se pensar no mundo e pensar o papel do outro neste mundo, a contação permite ainda que a criança tenha acesso às outras linguagens artísticas. Nas contações que realizo primo por explorar universos que vão além do literário, como ressaltai no subitem anterior *Contação de Histórias e Teatro*, logo a base primordial do meu trabalho é o teatro, por isso nas contações e intervenções é possível trabalhar também as artes visuais, a música, a dança e também o audiovisual.

As artes visuais são trabalhadas recorrentemente, haja visto a importância da imagem na literatura infantil, sendo assim, trabalho sempre a leitura de imagens com as crianças, além de utilizar também em algumas contações o registro visual como uma das etapas do processo de compreensão do conteúdo, como o que aconteceu, por exemplo, na contação que relatei acima do livro *Conversa de Corpo (2013)* de Priscila Freire: Nós estudamos o corpo durante toda a aula, lemos e interagimos com a história e as imagens do livro e, ao final, pedimos que cada um fizesse um desenho do próprio corpo lembrando-se de cada parte que havíamos estudado.

A música, principalmente nesta etapa da educação infantil, é um elemento indispensável na contação teatralizada das histórias, pois ela ajuda na concentração e interação da criança. Bia Bedran ressalta que:

A criança, indivíduo em formação, precisa escutar sonoridades diversas e ter a chance de usar a voz, movimentar-se e expressar-se sobre uma gama variada de gêneros musicais. Quanto maior a diversidade de estilos e ritmos, mais rica será a experiência. As séries iniciais merecem todo o ludismo das brincadeiras de roda, dos brinquedos cantadores e das canções das histórias populares. Eis a importância do trabalho de musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a presença da música na sala de aula compreendida de uma forma ampla, ou seja, o trabalho com experiências rítmicas, ruídos, sons do próprio corpo, a percepção auditiva, a movimentação corporal com canto coletivo e individual e a sonorização dos contos, proporciona à criança chances de se expressar e se posicionar no mundo que a cerca. (BEDRAN in MEDEIROS; MORAES, 2015, p.387)

Pensando, neste trabalho da musicalização de forma ampla, relatarei uma das experiências vivenciadas no meu estágio. Em uma das contações que realizei, utilizei o livro *Uma Tarde do Barulho (2009)* de Silvia Maneira. No livro, um menino

acaba de entrar de férias e está animado para sair de casa, brincar e fazer uma descoberta que vai durar sua vida inteira, mas então, o menino olha pela janela e percebe que as nuvens estão escuras e quase instantaneamente começa a chover. O menino, entediado, começa então a ouvir os sons da chuva (que começa mansinha como se fossem gatos passeando sobre o telhado, depois aumenta e parece que tem cachorros correndo atrás dos gatos e assim, intensifica mais e parece que são leões que estão correndo atrás dos cachorros que estão correndo atrás dos gatos). Assim, junto com o menino da história, vamos ouvindo auditivamente e imagetivamente os sons da chuva, do trovão, da porta que bate com vento, da luz que acaba, do grito e do choro de susto, até que finalmente a chuva para e a luz volta. Mas, o menino continua a observar os sons e começa a pensar em todos os sons que existem no mundo: nos sons dos animais, nos sons do nosso corpo (tosse, espirro, falar, cochichar, cantar, roncar, bater palmas, estalar os dedos, etc.) até que, de tanto pensar surge um enorme e profundo silêncio. E, então, o menino percebe as batidas de seu coração e assim ele finalmente faz uma descoberta que vai durar sua vida inteira: ele descobre que é um instrumento musical.

Figura 6 – Livro Uma Tarde do Barulho



Fonte: livro *Uma tarde do barulho* (2009) de autoria de autoria de Silvia Maneira e ilustração de Cláudio Martins

Gosto muito dessa história porque ela começa a trabalhar a música a partir do cotidiano, não necessita de nada muito elaborado, a criança percebe na história que a musicalidade está em si e no seu entorno e a partir daí é possível trabalhar cantigas, percussão corporal, ritmo, escuta, som, silêncio, entre outras possibilidades. Então, mesmo que a música não seja minha área de formação principal, pela história eu consigo trabalhar elementos da música com as crianças, despertar sensações. A dança é trabalhada nesta perspectiva mais ampla também que vem com o movimento do corpo em vários ritmos, tempos, subjetividades. Enfim, acredito que a contação abre muitas possibilidades para trabalhar diversas linguagens artísticas. Celso Sisto diz que:

Contar histórias pode ser uma sinfonia. Desde que nesta sinfonia, orquestrada com palavras, entrem todos os instrumentos: do sopro da respiração, ao metal da voz; do dedilhar do corpo, ao ribombar do olhar.

Contar histórias pode ser uma opereta. Desde que nesse gênero cênico do conto, as partes embaladas pelo ritmo da fala se alternem com o que narra com a alma.

Contar histórias pode ser uma dança coreográfica. Desde que nesta sequência de palavras com corpos e de corpos com palavras, se esteja inteiramente comprometido com a melhor maneira – e nunca a única – de se expressar o coração da palavra. E que a fala, os movimentos, passos e gestos estejam associados à emoção e, claro, à plasticidade.

Contar histórias, na verdade, é a união de muitas artes: da literatura, da expressão corporal, da poesia, da música, do teatro... Não há como ignorar esse quê de performático do contar histórias... (SISTO, 2015, P.141)

Finalizo, então, esse capítulo reiterando a força que há na utilização da contação de histórias como método de ensino para educação infantil, uma vez que essa linguagem permite um ensino-aprendizagem pautado no imaginário da criança e que foi crucial para que eu conseguisse trabalhar uma série de exercícios e componentes da linguagem teatral além de me permitir trabalhar outras linguagens artísticas no decorrer do processo. Senti que as crianças reagiram positivamente a essa metodologia que teve na história seu fio condutor e que, enquanto arte-educadora, consegui elaborar os planos de aula, de forma que eu saísse da minha zona de conforto, uma vez que a cada aula as atividades deveriam ser repensadas tendo a história como estímulo, o que permitia tanto reforçar alguns aspectos do ensino-aprendizagem do teatro que julgava necessário quanto repensá-los e inová-los.

4. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

4.1 Contação no Programa de Incentivo à leitura na Biblioteca pública Professor Diáulas de Azevedo

Parte do meu Estágio Supervisionado de Regência I foi realizado na Biblioteca Pública Professor Diáulas de Azevedo.¹⁰ A Biblioteca foi fundada em 26 de novembro de 1949 e é a instituição responsável pela execução do PMLLLB - Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca: política pública vinculada ao Plano Municipal de Cultura de Itabirito – instituído pela Lei Municipal Nº 3197 de 07 de dezembro de 2016. A instituição tem por missão:

Incentivar e disseminar o gosto pela leitura, promover o acesso ao livro e à informação, fomentar a produção literária, contribuir para desenvolver a cadeia econômica do livro no município e conservar e guardar o patrimônio bibliográfico da população itabiricense” (Brasil, 2019, p.73).

Para cumprimento dessa missão, procura-se transformar a Biblioteca em espaço de convivência, de troca de conhecimento, de vivências culturais contribuindo, assim, para a formação de leitores e cidadãos críticos. Meu estágio foi realizado dentro de uma dessas atividades promovidas pela biblioteca intitulada *A Hora do Conto* ou *Toda Sexta tem história*. Eu trabalho nesse projeto desde 2015 e continuo em atuação. O fundamento da *Hora do Conto* é o incentivo à leitura literária, sempre primando pela reflexão crítica dos textos lidos. A intenção é promover um dia especial de encontro com o livro, a leitura e a biblioteca. A realização é semanal e acontece nas sextas-feiras de cada mês. A partir de um tema central¹¹ é selecionado um título do acervo, para que seja oferecida à comunidade a narração de histórias, acompanhada da discussão sobre as impressões do obra narrada, entre outras atividades de compreensão acerca do livro escolhido. A cada semana uma turma de uma escola do município é convidada a visitar a biblioteca para participar da *Hora do Conto*. O principal público atendido é o ensino Fundamental I.

¹⁰ A Biblioteca é um órgão de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Itabirito e encontra-se situada na Praça Doutor Guilherme, S/N, Complexo Turístico, Bairro Centro em Itabirito/MG. Minha supervisora do Campo de estágio foi a bibliotecária Mariza Barros Tassar de Almeida.

<https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>
<http://www.itabirito.mg.gov.br/>

¹¹ Para cada mês é definido um tema e as contações e atividades são realizadas baseadas nos temas preestabelecidos.

Além de sempre ter frequentado a Biblioteca enquanto leitora, desde que comecei a trabalhar com teatro, firmei uma série de parcerias com a instituição no intuito de promover programas de incentivo à leitura. No ano de 2015, a diretoria da biblioteca convidou a mim e outros parceiros do meu grupo de contação de histórias: Mundo Azul – Histórias e Brincadeiras¹² para desenvolver o projeto *Toda Sexta tem história*¹³.

Durante os anos de 2016 e 2017, embora não tenha sido realizado mais *A Hora do Conto*, continuei participando dos eventos promovidos pela biblioteca, tendo participado com contações de histórias esporádicas e na realização da Feira do Livro¹⁴ e do Inverno Literário¹⁵ nos dois anos, assim como em 2015 também.

A Feira do Livro de Itabirito é uma ação voltada para a valorização do livro e incentivo à leitura, que ocorre em outubro de cada ano e a Literatura é a base do evento. Assim como *A Hora do Conto*, considero a feira uma ação de extrema importância para o incentivo à leitura no município. Ela acontece em 05 dias de programação para todos os públicos e traz em sua estrutura: exposições ilustrativas; venda de livros através de importantes editoras e distribuidoras do Estado; hora do conto e recreação; oficinas criativas; palestras e mesas de discussão; jogos Literários; shows musicais; teatro; dança; lançamentos de livros e encontro com escritores, valorizando sempre a produção literária local. Em 2018 e 2019, conseguimos renovar nossa parceria para dar continuidade ao *Toda sexta tem História* onde realizei parte do meu primeiro estágio de regência.¹⁶ Eu era responsável por montar e desenvolver as contações e atividades junto com minha parceira de trabalho Larissa Ribeiro.

¹² Grupo de Contação de Histórias e animação de festa infantil composto pelas atrizes e contadoras de histórias Bárbara Sill, Júlia Castro e Larissa Ribeiro.

<https://www.facebook.com/MundoAzulContacaodeHistoria/?ref=settings>

¹³ Projeto de Incentivo à leitura promovido pela Biblioteca pública Professor Diáulas de Azevedo onde a cada sexta-feira uma turma de uma escola do município é convidada para participar de uma contação de histórias interativa na instituição.

<https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>

¹⁴ Evento anual promovido pela Biblioteca com lançamento de livros, conversas com autores renomados, divulgação das produções literárias locais, além de uma série de atrações culturais.

<https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>

¹⁵ Evento anual promovido pela biblioteca com lançamentos de livros e sarau com participação da população.

¹⁶ Meu estágio foi realizado na sexta-feira das 12:00 às 16:00 do dia 06/07/2018 a 14/12/2018.

Acredito que, no geral, as crianças sempre compraram muito todas as proposições. Provavelmente, isso se dá também pelo contexto: as crianças saem da escola, vão para um ambiente externo que é a Biblioteca e participam de uma atividade extraclasse. Ou seja, tudo se torna novidade: o ambiente, a experiência de sair da escola, o fato de ter outras pessoas que estarão mediando as atividades e a abordagem de ensino-aprendizagem. A maior dificuldade que tivemos foi, em alguns momentos, ter que lidar com a euforia do público, mas sempre encontrávamos formas de contornar essas situações através do diálogo, dos acordos e de conduzi-las à percepção de que a colaboração delas era essencial para que a contação e as atividades pudessem ser realizadas. Sempre deixamos explícito que nosso intuito não era que eles assistissem passivas às contações, mas que haveriam os momentos mais propícios para as interações.

O que percebo muito é que a escola confina e enquadra reações e aí quando o projeto chega com uma proposição mais aberta, as crianças ficam muito entusiasmadas. Mas, nossa proposta quer justamente que elas se coloquem no espaço, no contexto e na história, então tentamos sempre dar essa liberdade, mas estabelecendo combinados que nos permitam desenvolver as atividades com as crianças.

Acredito que mesmo fazendo essas contações em momentos esporádicos, o que visamos é uma pedagogia da autonomia, da participação e da liberdade. A execução de ações pedagógicas e culturais em ambientes como a biblioteca são cruciais para nos distanciarmos desse modelo de aprendizagem que tem na padronização dos corpos e pensamentos sua metodologia de atuação. Embora as bibliotecas também possuam todo um código de comportamento que é ditado para frequentá-la como sentar em cadeiras e manter o silêncio, no projeto em questão tentamos fugir desses moldes e apresentar a biblioteca também como um espaço de convivência, de brincadeira e de liberdade. É claro que ainda existem regras, mas elas são flexibilizadas. Idealizamos e tentamos colocar em prática um projeto de contação de histórias que tem por objetivo principal o incentivo à leitura, portanto temos por intuito uma educação libertária, que abra as portas para o conhecimento, para a leitura, para que assim a criança possa voltar à biblioteca e ler temas de seu interesse, para que possa formar seus conhecimentos e significar suas inquietações de mundo. Tentamos propor “[...] um processo pelo qual o educador convida os

educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (FREIRE, 1985, p. 125). É isso que fazemos um convite ao aprendizado, ao mundo literário, à ocupação consciente desse espaço de leitura para que diante de suas questões a criança possa aceitar esse estímulo e buscar respostas para sua realidade.

Acredito que essas atividades desenvolvidas na biblioteca pública são fundamentais para formação de novos leitores e de extrema importância para efetivar a ocupação desse espaço. Com as novas tecnologias, cada vez mais existe uma priorização pelo estudo em casa e por meio digital, essas ações permitem a essas crianças conhecer a possibilidade de também estudar e pesquisar no espaço da biblioteca e ter acesso gratuito ao acervo de livros ali presente. Além disso, a biblioteca apresenta-se como um espaço de convívio social também, onde são realizadas uma série de ações que visam não só a leitura, mas o compartilhamento, discussão e troca a cerca dos temas tratados, destaco aqui os programas de contação de histórias – *A Hora do Conto*, clube do livro¹⁷ e cine livro¹⁸ que buscam promover esses encontros para todas as faixas etárias.

A biblioteca apresenta-se como um local livre para a busca de conhecimento, o nosso trabalho baseia-se em dar o estímulo inicial e assim mediante o interesse de cada criança, que elas realizem essa ocupação. Ou seja, é um ambiente onde o querer e a vontade comandam suas pesquisas. É um espaço não formal que frequentá-lo não está vinculado à uma obrigação, mas sim à curiosidade e satisfação do ato de ler, de pesquisar e conviver, por isso considero o ambiente muito potente para desenvolver essas pedagogias mais libertárias e promover uma aprendizagem mais prazerosa.

¹⁷ Clube do Livro – Ação onde são realizadas leituras coletivas de títulos literários, destinada principalmente ao público adulto

<https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>

¹⁸ Cine Livro – Ação onde são exibidos filmes produzidos a partir da adaptação cinematográfica de livros, destinada principalmente ao público adolescente.

<https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por>

4.1.1 Contaçon, Patrimônio, Identidade e Pertencimento – A história ocupando os espaços públicos

Um aspecto importante das contações realizadas na biblioteca pública é a ligação do projeto com o patrimônio histórico e cultural. A Biblioteca é instalada em um edifício tombado pelo Município, no conjunto arquitetônico e paisagístico da estação, onde antigamente localizava-se a estação ferroviária e onde se davam os embarques. A biblioteca instalou-se no local onde era o depósito da ferrovia. Localizada em uma área central, de fácil acesso e que traz consigo uma conceituação de identidade, já que foi um local de grande importância na história da cidade e de seus habitantes, a biblioteca é um espaço pertencente ao patrimônio e que se faz público em sua utilização. Trago aqui a conceituação de patrimônio cultural para entendermos a importância desse espaço, não só enquanto monumento reconhecido, mas como local constituinte de memórias e histórias de um coletivo que vem ocupando e transformando esse ambiente ao longo dos tempos:

Todo grupo social possui bens herdados de gerações anteriores: uma receita culinária tradicional, árvores plantadas em um bairro, o repertório musical de um grande artista, construções importantes de um período histórico... Sobre esses bens projetamos valores – afetivos, históricos, paisagísticos, artísticos e até mesmo simbólicos – e por valorizá-los, tentamos repassá-los às gerações futuras, acrescidos das modificações que incorporaram ao longo do tempo. Esses bens formam heranças que, quando reconhecidas por grupos maiores, como uma cidade, região, nação, ou até mesmo humanidade, constituem o que chamamos de patrimônio cultural: um conjunto de elementos que servem como referência para a identidade e a memória coletiva, sendo possível, por meio deles, compreender a dinâmica social dos grupos na história. (BRASIL, 2019, p.12)

Figura 7: Biblioteca Pública Professor Diáulas de Azevedo



Fonte: <https://bibliotecaitabirito.wordpress.com/2010/03/01/137/> Acesso em: 26 de Novembro de 2019 às 02:14

Sempre que os alunos chegam na biblioteca para as contações, a primeira ação é sempre apresentar o local para as crianças, contar um pouco da sua história e sempre convidá-las a voltar, com intuito de ocupar esse espaço público, o qual é para o usufruto de todos. Outra ação que está vinculada às contações realizadas nesse espaço é o incentivo à leitura, então os alunos sempre são instruídos sobre o processo para o registro na biblioteca para que os mesmos possam realizar o empréstimo de livros. Isso é crucial para que as crianças compreendam também que o acervo presente ali é público e que elas não precisam ir ali apenas com a escola, mas que o ambiente está aberto para que elas frequentem e usufruam do acervo sempre que quiserem e/ou precisarem. Trabalhamos a todo momento a noção de pertencimento, para que a biblioteca não seja vista como um espaço estranho, mas sim como um local que deve ser ocupado. Além disso, sempre enfatizamos, que o ambiente tem uma memória e que guarda em seu acervo muito da história do município. Acho importante trazer aqui alguns conceitos que perpassam nossa atuação na biblioteca pública, uma vez que ao trabalhar o pertencimento ao local, trazemos em nosso trabalho muito dos conceitos de memória e identidade também:

Memória: lembranças, reminiscências, consciência de fatos, ações ou sensações que ocorrem em outro tempo. A memória conecta o passado de um indivíduo ou uma coletividade ao presente, dando sentido à identidade e ao estar no mundo. Ela se conecta a lugares e pode sofrer deformações, seleções e esquecimentos pois não é o acontecimento em si, mas uma representação dele.

Identidade: Conjunto de características que, por serem próprias e únicas, distinguem um indivíduo ou uma coletividade das demais, sendo a memória um importante elemento para sua construção. (Brasil, 2019, p.14)

As contações são realizadas dentro da biblioteca e buscamos sempre um formato que fuja do padrão em que alguém lê, enquanto o outro ouve calado e sentado o que está sendo lido. Normalmente optamos pela roda, por sentar no chão, por ter um contato mais próximo, olho no olho. O intuito é que a biblioteca seja vista como um local de acolhimento, agradável, onde é possível ler e brincar com os livros, onde as crianças se sintam pertencentes, entendendo pertencimento como:

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e conseqüentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente

faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria. (MORICONI, 1989, p.14)

Para que esse sentimento de pertencimento aconteça, muitas vezes fazemos com que as histórias e memórias locais adentrem também as contações. A cada ano definimos um cronograma com os temas que serão abordados em cada mês, embora haja uma flexibilidade e mudanças possam ocorrer, o estabelecimento desse planejamento ajuda a nortear nosso trabalho e a sempre mantermos uma comunicação entre toda equipe. Em nossos cronogramas sempre optamos por trabalhar essas questões de identidade local mais profundamente em algum mês, embora essas noções perpassem todo nosso trabalho independente do tema.

Em uma das contações que fizemos, por exemplo, utilizamos o livro *O Colecionador de Manhãs* de autoria de Walter Moreira Santos e ilustrações de André Neves, o tema do mês foi memória. Nesse livro um menino quer sair para comprar um jornal, mas como está chovendo, ele começa a procurar seu guarda-chuva. Nessa procura, o menino encontra uma caixa com várias fotos de manhãs registradas em vários locais do mundo. Ele descobre então, que seu pai, que era marinheiro e viajava por várias regiões, era um colecionador de manhãs e essas fotos tornam-se uma lembrança muito especial para o menino, já que ele não chegou a conhecer seu pai.

Para iniciarmos a abordagem do tema *Memória* foi pedido que cada aluno levasse um objeto de valor afetivo e assim antes de iniciar a contação cada um se apresentou, mostrou seu objeto, nos contou a história daquele item e o porquê este era especial. A partir dessa atividade de apresentação começamos a dialogar sobre o que era memória e então iniciamos a contação. Quando contamos essa história procuramos materializar essa caixa de lembranças e essas manhãs que o pai do menino colecionava. Então trouxemos uma série de fotos que traziam manhãs importantes para nossa história enquanto humanidade e no fim fomos trazendo fotos de momentos e lugares próximos para que eles pudessem se identificar. Colocamos, inclusive algumas fotos da estação ferroviária de Itabirito como uma lembrança do pai do menino e assim perguntávamos se eles reconheciam aquele local, explicávamos que estávamos dentro dele e íamos explorando a história pela curiosidade que eles demonstravam ao ver as fotos.

Figura 8: Estação Ferroviária Itabirito

Fonte: Acervo Memória Itabirito – Disponível em:

https://www.facebook.com/Memoriaitabirito/?_tn_=%2Cd%2CPR&eid=ARC87waWB50Wbpi-I_AzEaG-R8Xjw4bEy3stCe29RaOAM8aO94yLvXnmakkbfsbZrYDXkn-za4TO9Ow Acesso em: 26 de Novembro de 2019 às 01:54

Sendo assim, tentávamos mediante a contação trabalhar conceitos como memória, identidade e pertencimento. Em comemoração aos setenta anos da biblioteca, fizemos uma outra contação com o intuito de apresentar o local para as crianças, utilizamos por base o livro *Um Rato na Biblioteca* de autoria de Carlos Augusto Segato e ilustração de Cecília Iwashita. O livro conta a história de uma biblioteca que é invadida por ratos e que um rato em especial – o Asponsito – não gosta de roer os livros porque adora ficar olhando as imagens e imaginando as histórias presentes ali. A bibliotecária, preocupada com a invasão, arruma um gato – o Xaxá - para afugentar os ratos da biblioteca, mas quando o gato vai para atacar Asponsito ele vê uma imagem de um gato de botas no livro que o ratinho está lendo e ao se reconhecer na imagem do livro, acaba se distraíndo. No fim, Asponsito e Xaxá tornam-se amigos e passam a frequentar a biblioteca todas as noites para ler livros.

Essa história, além do enredo tem por peculiaridade apresentar a estrutura e organização de uma biblioteca, à medida que a narrativa vai acontecendo, vamos sendo apresentados aos funcionários responsáveis por cuidar dos livros, por manter o acervo organizado, por comprar novas remessas, por cuidar da arrumação da biblioteca e vamos conhecendo a biblioteca em si e tudo o que ela contém (livros e seus gêneros, revistas, fotografias...). Então, pegando essa história por base, nós fizemos uma adaptação e à medida que íamos contando, íamos apresentando as crianças à biblioteca pública de Itabirito, a quem trabalha lá e ao acervo que esta

guarda. Enfim, nosso intuito é sempre tentar criar um elo da biblioteca com o aluno, fazer com que ele se reconheça naquele local e se sinta pertencente.

4.1.2 A Diferença da Contação como metodologia continuada e como Intervenção esporádica

A Contação na biblioteca tem um formato que é contínuo (intervenção realizada em todas as sextas-feiras), mas ao mesmo tempo é esporádico (cada semana lidamos com uma turma diferente). Tal proposição permite que tenhamos um contato de duas horas com cada turma e que o processo de ensino-aprendizagem se dê ali no momento da contação e nas reverberações que a intervenção gerará posteriormente.

Relatarei detalhadamente, uma das vivências da contação para que possa ficar mais claro como o trabalho foi desenvolvido, quais as suas potências e dificuldades, por isso escolhi um caso em que houve um conflito para entender os prós e contras da atuação nesse formato.

No dia 30 de Novembro de 2018, realizamos a Hora do Conto com o livro *O Menino Coração de Tambor* de Nilma Gomes para o 2º ano da Escola Estadual Henrique Michel. O intuito do mês era trabalhar a consciência negra. O livro escolhido conta a história de uma família negra que está esperando um bebê – o Evandro Passos. No início da História Evandro ainda está na barriga da mãe – a Conceição - e ele conversa com a mãe, mesmo da barriga de uma maneira muito diferente, através das batidas de seu coração e dependendo de qual música Conceição escuta o coração do bebê bate de maneira diferente. Conceição e José – pais de Evandro, são de Diamantina e lá fazem parte do Congado e adoram ir em todo tipo de festa. José é músico saxofonista e toca todo tipo de música: Jazz, Blues, samba, chorinho... Assim, os meses vão se passando e Evandro nasce, uma criança linda, negra e que se torna mais tarde um bailarino.

Figura 9: Livro *O Menino Coração de Tambor*



Fonte: livro *O Menino Coração de Tambor* (2013) de autoria de Nilma Lino Gomes e ilustração de Maurício Negro

No livro a autora traz uma série de manifestações da cultura negra, como é o caso do congado e das diversas produções musicais que compõem a identidade negra. Na visão de Nilma Lino Gomes:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (GOMES, 2012, p. 43)

Neste pequeno período da contação buscamos construir um pouco da identidade negra positiva, mostrando através do livro o quanto nós – negros - temos uma cultura rica, importante e presente na história do nosso país e fugindo dessa construção negativa que a sociedade tende a conservar, ressaltando, quase sempre de forma deturpada, apenas a história do período da escravidão e fomentando uma visão do negro como um ser inferior. Essa abordagem de uma história afro-brasileira que inferioriza a etnia negra favorecem o racismo (que acredita na existência de diferenças, onde um grupo racial é superior a outro), o preconceito (que parte de uma concepção prévia negativa de um grupo social e que normalmente não estão abertos ao diálogo, se fechando nesse julgamento inicial) e a discriminação racial

(que está vinculada à prática efetiva de ações racistas e preconceituosas, ultrapassando o âmbito da conceituação e concretizando-se em atos).

Após a contação, fizemos alguns jogos e brincadeiras de roda com músicas provenientes das culturas africanas. Cantamos, dançamos e jogamos, sempre explicando a origem dos jogos e músicas.¹⁹ No fim, propusemos a realização de um desenho coletivo sobre a vivência daquela tarde, estendemos um grande craft no chão e começamos a desenhar, enquanto isso, deixamos tocando todos os ritmos que falamos na história: Congado, jazz, blues, samba, chorinho, maracatu, capoeira, olodum, funk e íamos comentando qual era aquele estilo musical, sua origem e breve histórico.

Durante o desenho, vimos que algumas crianças tenderam a usar o lápis “Cor de pele” e decidimos problematizar a questão. Pegamos o lápis e perguntamos para eles que cor era aquele lápis e a resposta geral foi: “Cor de Pele”. Aí perguntamos se alguém ali tinha a pele daquela cor. Eles pensaram um pouco e disseram que não. Uma menina com a pele negra respondeu que sim, a pele dela era da cor do lápis. Eu peguei o lápis fui até ela e coloquei o lápis do lado do seu braço e perguntei: “Você acha que é igual?” Ela me disse: “Não, eu sou mais branca”. Eu deixei o lápis com ela e disse “tudo bem, pensa melhor sobre isso”. No fim, explicamos que a cor daquele lápis não é cor de pele e sim um rosa claro, que a cor de pele de cada pessoa é diferente e que isso não era um problema, mas que fazia parte de quem aquela pessoa é.

Volto aqui a falar da questão da identidade negra e de como é difícil em um país como o nosso que nós assumamos essa identidade, visto que a identidade é uma construção social que vai se formar ao longo de nossa vida perpassando pelo ambiente familiar, escolar, vizinhança, por nossos convívios, e pelo ambiente profissional. Ou seja, nossa identidade é construída na nossa relação com nós mesmos e com o outro, é a forma como nos enxergamos e nos inserimos na

¹⁹ Jogo Utilizado: Manjolo – O jogo consiste em fazer uma roda e passar uma moeda enquanto canta-se uma música, quando paramos a música o grupo deve adivinhar com que está a moeda. Música: *Bate o Manjolo no pilão, pega a mandioca pra fazer farinha, onde foi parar o meu tostão, ele foi para a vizinha*. A música conta a história de como era feita a farinha de mandioca e assim vamos explorando traços da história com eles à medida que vamos apresentando às músicas. Cantigas de Roda utilizadas: “Crioula não tem sapato” – *Crioula não tem sapato, Criola. Criola não tem sapato crioula, dança de pé descalço crioula, dança de pé descanso crioula*. A música é feita em conjunto com a coreografia.

sociedade. Mas como se assumir negro/negra em uma sociedade que ainda perpetua uma diferenciação negativa baseada no tom de pele e características físicas? Numa sociedade que ainda atribuí ao negro uma conotação negativa, ruim e maléfica?

Falo tudo isso, porque pra mim foi difícil também me assumir enquanto mulher negra, porque no meu ambiente familiar esse sempre foi um tema silenciado; na escola, infelizmente esse estigma negativo da etnia só foi reforçado porque só estudávamos a escravidão como se fosse algo que define o povo negro, não como uma condição que nos foi imposta; no trabalho as diferenças de oportunidade são gritantes; economicamente a desigualdade é nítida, negros ainda são a maioria que assumem uma classe baixa e miserável no país; ainda são as crianças e adolescentes que permanecem fora da escola; e ainda são a maioria que estão excluídos nas periferias, marginalizados. O problema é que vivemos em um racismo camuflado, não assumido, como se vivêssemos em uma democracia racial que nunca existiu. Somos marcados por uma história extremamente racista ocultada por um ideal nacionalista de um país mestiço e pacífico. Eu, por exemplo, só fui trabalhar, discutir e entender mais amplamente as questões étnico-raciais quando entrei na universidade, porque foi o único momento que me foi permitido falar sobre, que me foi permitido me reconhecer negra e que eu pude me ver por uma ótica afirmativa.

Enfim, acho que essa situação me afetou, porque eu também não me reconhecia negra na idade dessa criança. Eu me vi muito impotente diante da situação, porque era meu primeiro e único contato com ela e tratar esses assuntos leva tempo, leva compreensão, demanda tato, sensibilidade e seriedade. Nilma Lino Gomes diz que: “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (GOMES, 2012, p.42). Mas como responder afirmativamente à uma identidade que sempre foi vinculada à negatividade?

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). (GOMES, 2012, p. 43)

E é um desafio para nós enquanto arte-educadores ajudar a construir essa identidade negra positiva, porque estamos indo contra um processo social que prima pela conservação do racismo. Mas, acho que realizar essas intervenções e contações, mesmo que em caráter eventual, como acontece nesse projeto, e trazer as culturas e as histórias da etnia negra para serem abordadas, discutidas e vistas realmente como formadoras e fundamentais para história do nosso país e para a história mundial é muito importante para começar a mudar os pensamentos e as práticas racistas que nos acompanham desde a colonização do Brasil. Segundo ainda o antropólogo Kabengele Munanga é preciso compreender a identidade negra também no seu aspecto político, como uma:

tomada de consciência de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu economicamente, com trabalho gratuito como escravo, e também culturalmente, em todos os tempos na história do Brasil (MUNANGA in GOMES, 2012, p. 43)

Para que essa tomada de consciência étnico-racial seja tomada é preciso trabalhar a história do povo negro no Brasil, mas é preciso trazer essa história por meio de uma abordagem não racista e que reconheça a participação do negro na história brasileira em todos os aspectos: político, econômico, social, religioso, artístico e cultural. Enfim, talvez essa criança que relatei acima, reflita sobre o assunto depois, mas como meu contato com ela foi apenas naquela tarde, eu não saberei. Mas acredito que plantamos a semente, que pelo menos naquela tarde conhecemos um pouco (muito pouco) da história e da cultura negra. Talvez esse seja o lado mais difícil de trabalhar nesse formato, não há uma construção contínua com os estudantes e às vezes questões sérias deixam de ser aprofundadas. Há uma vivência potente, mas que se inicia e acaba em uma mesma tarde. Mas que ainda assim é transformadora, contar história nesse dia me transformou, me fez questionar o quanto ainda precisamos avançar para realmente chegarmos a ter uma democracia racial. Por que nós nos deparamos com o racismo o tempo todo, mas quando uma situação dessas acontece, principalmente com uma criança, nos leva a repensar nosso papel enquanto educadores e enquanto pessoas porque percebemos que embora as lutas estejam sendo travadas e o Movimento Negro esteja reivindicando nossos direitos, essas crianças ainda estão sendo criadas em uma sociedade que propaga a desigualdade social e racial e que impede essas crianças de criarem sua identidade, de se reconhecerem e de se sentirem

pertencentes a seu grupo étnico-racial. Enfim, refletir sobre a questão racial é imprescindível para que consigamos em algum momento viver em uma sociedade mais justa que não privilegie uma etnia em detrimento de outra.

Por isso, refletir sobre a questão racial brasileira não é algo particular que deve interessar somente às pessoas que pertencem ao grupo étnico/racial negro. Ela é uma questão social, política e cultural de todos(as) os(as) brasileiros(as). Ou seja, é uma questão da sociedade brasileira e também mundial quando ampliamos a nossa reflexão sobre as relações entre negros e brancos, entre outros grupos étnico-raciais, nos diferentes contextos internacionais. Enfim, ela é uma questão da humanidade. (GOMES, 2012, p. 51)

Falando mais especificadamente agora sobre o formato de realização desse trabalho. As contações e intervenções são muito efêmeras, elas se dão no momento presente e é diferente para cada escola, para cada turma, para cada dia. E embora, às vezes, pareça que esse contato é pequeno ou insuficiente como no caso relatado acima, ao mesmo tempo conviver em um espaço de arte-educação dando acesso a essa multiplicidade de público é muito importante e muito formador: ter contato com todas essas crianças, aprender com elas a cada semana, receber carinhos e abraços dos mais diferentes lugares, criar afetos, brincar, transpor as dificuldades, encontra-las na rua e ser reconhecida... É um trabalho muito agregador, que permite o desenvolvimento de um projeto que atinge um público muito extenso. Esse incentivo à leitura em grande escala é crucial para formação de leitores, de cidadãos críticos e permite à criança ter a autonomia de voltar e dar continuidade às suas investigações literárias. Pensando na minha perspectiva enquanto atriz e educadora, considero que trabalhar nesse formato exige prontidão e sensibilidade para lidar com diversos sujeitos, com diversas faixas etárias, com diversas realidades sociais e é um processo que é formador tanto para as crianças que adentram esse ambiente da biblioteca e esse ambiente da literatura quanto para nós que as recebemos e que na troca nos formamos no contato com o outro.

4.2 Contação no Programa Ponto de Luz no Projeto Alumía

Entre 2014 e 2016 surgiu uma ONG chamada Alumía²⁰, as atividades aconteciam em uma praça, onde eram realizados bazares e eventos. A ONG é coordenada pela Virgínia. Desde 2016 a ONG tem uma sede e tem oficinas, mas quais são? Bordado, yoga, capoeira, informática, pilates, ginástica funcional, coral, violão e contação de histórias. Também tem o POP Salão que tem atendimentos de cabelereiro feminino e masculino, pedicure, manicure, sobrancelha e depilação. (Sophia – 13 anos – Aluna participante do Projeto Ponto de Luz, 2019)

Esta descrição do projeto foi realizada por uma das alunas no subprojeto em que atuo - o *Ponto de Luz* – Eu trabalho neste projeto em parceria com a também atriz e contadora de histórias Larissa Ribeiro desde janeiro de 2019. O *Ponto de Luz* tem por objetivo o incentivo à leitura por meio das contações de histórias que são realizadas todos os sábados para as crianças da região. Nós atendemos cerca de 20 crianças com faixas etárias entre 4 e 14 anos. Normalmente, dividimos em duas turmas, uma com crianças entre 4 e 8 anos e outra com crianças e adolescentes entre 9 e 14 anos. Essas crianças são moradoras da região e em sua maioria filhas e filhos de pessoas que trabalham nas casas, fazendas, sítios e condomínios locais como jardineiros, babás, caseiros e diaristas. A comunidade atendida é composta principalmente por trabalhadores que vieram de diversas regiões rurais do estado e do país em busca de melhores condições de vida.

A sede do *Alumía* encontra-se nessa região rural, em processo de urbanização e isso traz um caráter muito peculiar à nossa atuação no projeto, visto que o atendimento se dá no campo, no contato com o local onde eles moram, trazendo uma concepção muito mais intimista e identitária aos processos ali desenvolvidos. O projeto tornou-se parte da vida cotidiana dos moradores, é o local onde eles convivem e participam das atividades, tendo um forte impacto na vida da comunidade local.

²⁰ O Centro Cultural, de Formação e Entretenimento Alumía, atua nas comunidades dos Bairros Estâncias Estoril I e II e entorno em Nova Lima, MG. A região atendida é de expansão urbana com forte perfil rural e o Alumía trabalha promovendo eventos, cursos e atividades culturais para os moradores da região. O projeto conta com o apoio da Santafé Transportes para locomoção dos alunos; do sacolão ABC Plus e da Padaria Bonna Massa Vale do sol com o fornecimento dos lanches; e da Vale com o investimento em três subprojetos: Ponto de Luz, Conectando e Pop Salão, além de doações. Cabe ressaltar que a região é completamente afetada pelas atividades de mineração da Vale estando muito próxima às Minas de Vargem Grande e Pico. A comunidade encontra-se, ainda, ao lado de duas barragens: Maravilhas 2 e 3.

O fato de ser um projeto social, ou seja, um centro de formação não formal traz, ainda, maior liberdade ao processo e seleção das atividades que são desenvolvidas para o atendimento da comunidade: é a participação e interesse das pessoas que faz com que as atividades sejam escolhidas e se mantenham ali.

Figura 10: O Alumia



Fonte: Acervo fotográfico Alumia (2019) – Disponível em: <https://www.alumia.org.br/> - Acesso em: 29/11/2019 às 08:31

4.2.1 Contação, Comunidade e Identidade

Assim que adentramos o espaço do *Alumia* percebemos uma necessidade de conhecer o local. Todas as crianças já eram familiarizadas com o ambiente, já se sentiam à vontade no espaço, trata-se de um projeto social vinculado à uma comunidade e nós erámos as “intrusas” ali, então começamos o processo por conhecê-los e conhecer a comunidade.

A palavra *comunidade* tem raiz no latim, *communis*, o que significa “aquilo que é distribuído entre todos, bem comum” e *cum múnus*, que quer dizer “aquele que faz o que tem que fazer junto com os outros”. A construção de um senso de comunidade passa então pelo reconhecimento da necessidade e opções comuns, de identidades que convivem em meio às diferenças e em um aprendizado que se dá ao se compartilhar experiências. (VIGANÓ, 2006, p.139)

Todos os sábados, começamos as aulas do lado de fora, fazendo um alongamento e aquecimento para despertar o corpo e a mente para as atividades e depois vamos para a nossa *Casinha da Leitura* – local onde realizamos a contação e onde fica o acervo de livros do projeto. O local funciona também como uma biblioteca onde a cada semana as crianças podem levar livros emprestados para casa. Começamos as atividades sempre de maneira informal, onde cada um conta um pouco sobre como foi sua semana. Como eles moram todos na mesma região e vivem em comunidade, eles vão completando uns os relatos dos outros, já que trabalhamos com irmãos, primos, vizinhos, colegas de sala, de escola ou de ônibus, ou seja, crianças que possuem uma convivência ampla, que frequentam os mesmos locais e partilham de uma identidade comum ligada ao local onde se inserem. Esses relatos são sempre muito fluidos e permitiram que a gente pudesse conhecer mais a realidade deles e da comunidade, além de nos aproximar das crianças que gostam desse tempo de falar e ser ouvidas. No início, eles costumavam falar muito um em cima do outro no ímpeto de narrar suas histórias já que na maioria das vezes, elas se intercruzavam. Essa euforia ligada à liberdade e vontade de falar dificultava a prática dialógica, mas aos poucos fomos conduzindo o processo de forma a treinar a escuta. Hoje em dia eles mesmos falam: “Está na minha vez de falar, espera, assim que eu terminar você fala”.

Depois dessa introdução onde partilhamos nossas principais vivências semanais, partimos para a contação de histórias. Desde o início do processo tentamos levar histórias que instigassem essas crianças a também nos contar suas histórias, que as ajudassem a se identificar e buscar suas respostas de mundo. Todo nosso processo no *Alumía* tem sido muito pautado no diálogo, então, sempre perguntamos às crianças qual o tipo de histórias elas gostam, que gênero literário as cativa e buscamos selecionar as obras de forma que as histórias levem tanto narrativas nas quais acreditamos enquanto arte-educadoras como também narrativas que consigam adentrar o mundo dessas crianças e adolescentes – mantendo o interesse deles em ir ao Alumía todos os sábados de manhã. Conversar é fundamental nesse processo, nós trabalhamos com crianças e adolescentes de faixas etárias muito variadas e encontrar histórias que afetem eles positivamente e coletivamente é um desafio.

Figura 11: Contações Alumía

Fonte: Acervo fotográfico Alumia (2019) – Disponível em: <https://www.facebook.com/alumiacultural/> - Acesso em: 29/11/2019 às 08:45

Desde o início do processo fomos instruídas de que ao final do ano teríamos que publicar um livro com as crianças, então ao selecionarmos os livros das contações já tínhamos em mente também que o ideal era coletar o máximo de material das crianças para depois fazer uma apuração do que seria utilizado ou não. Mas, sempre primamos que a história que seria construída partisse delas, que se fosse pra lançar um livro que elas pudessem se ver e se reconhecer nessa literatura. Inicialmente, trabalhamos com elas alguns causos e lendas brasileiras para avançarmos para os causos e lendas da comunidade onde elas moram e assim trabalhar a história do *Alumía* e da região que o projeto atende. Neste processo surgiu a citação que inicia esse subcapítulo onde a aluna Sophia apresenta o *Alumía*.

Acredito essa descrição mostra o quanto as crianças são integradas ao projeto e o quanto as atividades são importantes para a comunidade local. Todo esse processo de ouvir essas crianças e buscar compreender a realidade na qual elas estão inseridas serviu para que a gente entendesse o contexto regional e criasse uma relação de afetividade tanto com o projeto, a comunidade e as pessoas que a compõe. Ao trabalharmos lendas locais também surgiram uma série de histórias da região. Segue abaixo uma delas:

A Casa Assombrada

Tem uma casa aqui perto que morava um casal de velhinhos, eles morreram e a casa ficou assombrada, meus primos foram brincar de pique-esconde na casa, aí eles viram uma assombração e acharam que era o casal de velhinhos que estavam na casa, meus primos ficaram com medo e saíram correndo. Mas, não tinha nada na casa, era só um boneco vestido de Chuck. Depois meus primos voltaram na casa com uma espingarda, mas no fim, lá não tinha nada, só uns bonecos velhos e aí tudo ficou bem. Eles continuaram brincando de pique-esconde, aí eles desmentiram que a casa era mal assombrada e a casa foi vendida. (Kauã – 13 anos – Aluno participante do Projeto Ponto de Luz)

Para introduzir essa abordagem de lendas e causos, lemos o livro “Contos Indígenas Brasileiros” de Daniel Munduruku. Lemos o conto intitulado “A Pele Nova da Mulher Velha”, uma lenda do povo Nambikwara. A lenda conta sobre uma mulher muito velha que consegue rejuvenescer após encontrar as penas de um tucano. Mas, quando ela rejuvenesce, ela tira sua pele velha e alguns meninos acabam encontrando e flechando a pele, a mulher roga, por sua vez, uma praga nos garotos: Todos irão envelhecer e morrer. Por fim, ela veste sua pele velha e morre também. A cobra fica zelando pelo corpo da velha e por isso ganha o dom de mudar de pele a cada estação. Após lermos o conto, conversamos sobre lendas e pedimos que eles nos contassem as lendas presentes na Lagoa das Codornas. Esse processo foi realizado com a turma de alunos de 9 a 14 anos. Depois que conversamos sobre as lendas e causos da região, pedimos que cada aluno escreve uma das histórias que achava mais interessante para que pudéssemos para além de um registro oral, ter um registro escrito dessas histórias locais. A lenda referida acima foi resultado desse processo.

O objetivo de ler o livro *Contos Indígenas Brasileiros* foi trabalhar um pouco das identidades dos povos indígenas, o livro traz uma série de contos de vários povos, mostrando a diferença das crenças e tradições de cada cultura indígena apresentada. A partir disso pudemos discutir as culturas, a formação étnica do Brasil, propondo reflexões sobre o “descobrimento do país”, e pudemos principalmente conversar sobre a forma oral com a qual os contos e lendas são passados durante as gerações. Assim eles puderam fazer um paralelo com as “lendas Urbanas” que eles conhecem, que foram contadas à eles pela tradição oral e que fazem parte do cotidiano do local onde moram. Conversamos um pouco sobre a transmissão oral das histórias e a importância dela enquanto constituinte da nossa identidade. Ao final da aula, pedimos que eles conversassem ao longo da semana

com seus pais, avós e bisavós sobre as lendas e histórias que eles conheciam e que lhes foram passadas de geração em geração. Trago aqui a importância dessas histórias enquanto patrimônio imaterial definido pelo IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2019)

Considero que trabalhar a história local com essas crianças é muito importante porque além de conhecê-las e conhecer a comunidade, nós estimulamos o interesse delas em se aproximarem da história da comunidade onde moram e de criar um sentimento de pertença. Muitas das famílias que vivem na região vieram de outros lugares e se instalaram ali para conseguir trabalho, e assim vão permanecendo ali, de geração em geração. Como é um local de perfil mais rural, de difícil acesso, as pessoas acabam tendo que morar ali para trabalhar, até porquê, normalmente, elas cuidam das residências locais. Sendo um local de difícil acessibilidade, as vivências da comunidade se dão muito entre eles e sem sair da região. Ou seja, as saídas da comunidade são esporádicas e quando acontecem, essas pessoas tem que se deslocar para Itabirito que fica cerca de 20 Km ou para Belo Horizonte que fica cerca de 40 Km da localidade onde residem. Devido a todos esses fatores as vivências da comunidade ficam muito reclusas ao ambiente onde eles moram, sendo crucial que eles se sintam bem e pertencentes ao local.

Figura 12: Aulas Alumia



Fonte: Acervo da autora (2019)

Depois de conhecer melhor o local e o projeto, sentimos a necessidade de conhecer melhor cada uma das crianças. As relações estabelecidas nesses espaços de educação não formal acabam sendo diferentes, o contato com as crianças e as famílias torna-se muito próximos, visto que a instituição do *Alumia* é vista como um lugar de entretenimento e de convivência. Sendo assim, a gente acaba conhecendo mais profundamente o histórico de cada família. Como o projeto realiza uma série de atividades, normalmente, a família participa do projeto como um todo, não só as crianças e há sempre um empenho em unir as pessoas locais, promovendo sempre mostras, feiras e comemorações em momentos pontuais. Segundo o livro *Léxico de Pedagogia do Teatro*, no verbete *Teatro na Comunidade*, Jan Cruz aponta sobre a importância dos artistas que se inserem nesses contextos de se engajar com a comunidade e ouvir as histórias locais:

No Brasil, o teatro na comunidade acontece vinculado a diferentes contextos e instituições como organizações não governamentais, a partir de políticas públicas, propostas vindas do teatro de grupos, a partir de movimentos sociais, grupos religiosos ou mesmo de forma independente, por iniciativas individuais ou grupais. Seguindo a proposta de Jan Cohen Cruz, nesses espaços, ouvir a comunidade é fundamental: “Os artistas baseados na comunidade valorizam o engajamento profundo com os participantes da comunidade” (CRUZ, 2008: 108) “Entram na comunidade convidando as pessoas a contarem histórias ainda não ouvidas.” (CRUZ, 2008: 114). (CRUZ in KOUDELA; JÚNIOR, 2015, p.184)

Embora não estejamos fazendo teatro na comunidade, considero que a atividade da contação tem o mesmo objetivo ressaltado na citação acima, uma vez que é uma atividade cultural que adentra a comunidade e que não teria sentido se não se deixasse envolver com o contexto local e pessoal das crianças atendidas pelo projeto.

Para conhecer melhor cada criança, optamos por trabalhar o livro *Nenê Ano Zero* (1979) de Maria Cláudia Monchaux. Esse livro foi trabalhado com a turma de 4 a 8 anos. O livro conta a história de Mariazinha, uma menina de 2 anos. Ele narra a história da menina desde o momento em que seus pais se conheceram, passando pela gestação, mostrando cada fase do bebê dentro da barriga da mãe, perpassando pelo nascimento até Mariazinha chegar à idade de dois anos. Depois da leitura, conduzimos um exercício com eles em que, inicialmente, eles deveriam imaginar que estavam na barriga da mãe e deveriam ficar deitados em posição fetal, enquanto colocamos o som do útero para eles ouvirem; depois fomos conduzindo o exercício até eles chegarem na idade em que estão agora, para que pudessem

observar as mudanças que seu corpo desenvolveu. Posteriormente fomos levando eles a imaginar como seriam na fase da adolescência, adulta e idosa, experienciando tudo isso corporalmente.

A leitura de *Nenê ano zero* veio com o objetivo de mostrar através de uma linguagem lúdica, com vocabulário de fácil entendimento e ilustrações, como nascem os bebês. Sendo assim cria-se uma identificação, pois o livro mesmo diz que a história poderia ser a história de qualquer um, inclusive de quem está lendo ou ouvindo a história. No livro é exposto o momento em que a mãe de Mariazinha (que poderia ser mãe de qualquer uma das crianças) descobre que há um ser dentro de seu ventre, os estágios da gravidez e o tamanho do bebê em determinados meses, como eles ficam na barriga da mãe, a emoção dos pais ao recebê-lo e a expectativa que os mesmos criam em relação ao bebê. Desse modo o grupo pôde discutir sobre o que sabiam ou não sabiam sobre esse assunto e sobre o que os pais lhes contaram sobre sua gestação e sua chegada ao mundo.

As crianças se identificaram muito com a história e quando conduzimos o exercício foi lindo ver o grau de imersão que alguns tiveram e ver o quanto nosso corpo guarda memórias. Quando pedimos para eles ficarem deitados e imaginarem que estavam na barriga da mãe, muitos já se colocaram na posição fetal, alguns ficaram quietos, outros se mexiam, diziam estar muito confortável, uma das alunas que têm uma irmã gêmea disse que ali estava muito apertado, alguns diziam estar quentinho e outros só ficaram ali na posição, quase como se o tempo estivesse sido suspenso e eles realmente tivessem voltado para o ventre da mãe. Escolhemos essa história para começarmos a pensar a história deles desde o início, para que assim eles pudessem conversar em casa e procurar saber tudo que tinham curiosidade sobre suas narrativas pessoais de vida. Na aula seguinte demos continuidade ao processo de investigação pessoal e subjetiva de cada um e pedimos que eles nos respondessem quem eles eram, como se descreviam e qual havia sido o dia mais especial da vida deles:

Emanuelle

Eu sou a Manu e eu sou muito tagarela. O dia mais legal da minha vida foi quando eu fui pra cachoeira com a minha mãe.

Helena

Eu sou a Helena, muito engraçada, muito tagarela igual a Isa. A coisa mais legal foi quando eu fui ver o meu primo que mora lá em Vitória e a gente foi de carro, a gente saiu 3 horas da manhã e chegou só de noite.

Isabela

Sou Isabela, sou tagarela e sou muito engraçada. O dia mais legal da minha vida foi quando eu andei a cavalo. O meu sonho era andar de cavalo sozinha e eu andei, ele era pequeno e nome dele era PIMPIM, ele é marrom e branco.

Ítalo

Eu sou o Ítalo, eu sou muito engraçado, tenho 6 anos, eu como demais, eu sou um tagarela. O dia mais legal da minha vida foi quando eu fui trabalhar com meu pai e eu soltei as galinhas. No início elas não perceberam que o portão tava aberto, mas depois elas saíram correndo de lá.

Paola

Sou Paola, tenho 6 anos, eu falo demais e como demais . O dia mais legal da minha vida foi quando o pai do meu primo tava cortando as árvores lá de casa e eu tava ajudando ele, trabalhando com ele e depois eu fui pra aula e também no outro dia o Ítalo foi na minha casa e ele foi no meu balanço e brincou. E quando eu fui pra Paris, porque o amigo do meu pai é rico e ele levou a gente pra Paris. Eu não sou rica, eu sou média. (Alunos projeto Ponto de luz, 2019)

Enfim, no Alumia o que tentamos fazer durante todo o processo foi tentar aplicar uma pedagogia voltada para a contação de histórias e o teatro que fizesse emergir as questões e vivências das crianças que estavam no processo. Buscamos a todo tempo dar voz a eles e essa voz foi dada pelos livros, pois eles inspiravam as metodologias que desenvolvíamos e as histórias de cada narrativa estimulavam as crianças a falarem e a se colocarem.

Como o projeto prevê que ao final do ano um livro deve ser lançado com as crianças, nossa proposta era montar um livro, onde essas histórias estivessem presentes, um livro de caráter autobiográfico e documental, mas feito com a leveza de crianças que contam um pouco de quem são e de onde vem. No entanto, devido a uma questão orçamentária tivemos que publicar um livro que contivesse uma única história coletiva criada por eles.

Iniciamos então um outro processo. A coordenadora do projeto sugeriu que trabalhássemos com eles adaptação de contos de fadas para a construção da história coletiva, uma vez que todas as faixas etárias já conheciam as histórias e poderiam contribuir para o processo de adaptação. Apesar de saber das inúmeras críticas realizadas aos contos de fadas (estereotipização da figura feminina através das princesas, o destino certo e único do casamento, o salvamento pelo beijo de amor verdadeiro, o caráter eurocêntrico das histórias...) buscamos trabalhar esses contos explorando suas potências e questionando suas fragilidades. Muitos estudos, principalmente voltados para a psicanálise, apontam para os contos de fadas como

histórias que potencializam a nossa leitura de mundo, então trabalhamos essas forças presentes nessas narrativas, Bruno Bettelheim diz que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 2002. p.8)

Sendo assim, começamos a trabalhar contos adaptados com as crianças e para isso levamos uma série de estímulos: Dentre os contos trabalhados, destacarei dois que acho que influenciaram mais para a concepção da história final que as crianças criaram. Inicialmente, lemos uma adaptação do livro *A Pequena Sereia e o Reino das Ilusões* (2019) de Louise Neill. O livro conta a história de Gaia, uma sereia que quer ir à terra para procurar informações de sua mãe desaparecida, mas o enredo revela todo um sistema de poder que mantêm Gaia e as demais sereias reclusas no mar, um sistema que as impede de falar, de estudar, que as obrigam a se casar e a se encaixar em um modelo de beleza impossível, trazendo uma grande crítica ao sistema patriarcal em que ainda vivemos. Durante o processo fomos especificando também algumas características dos contos de fadas que os ajudassem a ir pensando nos elementos que a história que criaríamos deveria ter, como por exemplo, a presença de seres fantásticos uma característica fundamental desse gênero literário. Levamos também o livro *Branca de Neve e as Sete Versões* (2016) de autoria de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e ilustrações de Bruna Assis Brasil. Nesse livro os autores apresentam sete desfechos diferentes para o conto original, desmistificando os finais felizes, as mocinhas perfeitas, os casamentos inacabáveis. A história mostra para as crianças que a vida pode ter vários desfechos dependendo do caminho que escolhemos e mostra que uma história sempre pode ter várias versões, tudo só depende da criatividade.

Ao longo do processo levamos e discutimos os principais contos de fadas tanto os tradicionais como alguns contemporâneos e cada criança criou sua adaptação do conto que mais gostava. Ao final do processo começamos a escrever a história coletiva que iria para o livro usando um jogo de base. Fizemos um baralho de histórias, onde cada criança sorteava uma carta, que continha um elemento que deveria estar na história. A primeira pessoa da roda tirava uma carta e começava a história a partir da carta. Por exemplo, se na carta estivesse desenhada uma heroína, a criança deveria começar contando quem era essa heroína, onde ela morava, o que ela gostava. Assim a segunda criança sorteava outra carta e dava continuidade à história a partir da imagem que tirou. O baralho que confeccionamos continha imagens de personagens neutros (heroína, herói, vilão, vilã), de locais (castelos, mar, floresta, casas), de elementos (espadas, arco e flecha, celular...), e assim a história foi se desenvolvendo. Depois que a história foi criada, nos reunimos com as crianças a fim de costurar melhor tudo e dar sentido às partes que ficaram soltas. Elas fizeram também todas as ilustrações do livro. Segue em anexo o resultado da nossa história coletiva.

Acredito que criar essa história com as crianças foi uma forma de colocarmos em prática muito do que aprendemos durante todo o processo, nós trabalhamos uma história com início, meio e fim; com personagens; com conflitos; com resoluções e com imaginação. Mas, para além dos resultados, de lançar ou não um livro, acho que o importante dessa construção coletiva foi dar voz para que cada um deles pudesse se introduzir na história e que ao mesmo tempo pudesse escutar e respeitar a interferência dos outros. Então, considero que esse processo nos ensinou a arte da troca e do encontro. Durante o desenvolvimento da proposta a gente pensou muito em como mediar, se os alunos mais velhos escreveriam e os pequenos ilustrariam ou se todos escreveriam e ilustrariam e optamos para que o coletivo fizesse parte de toda a construção do livro, então, as turmas se juntaram e eles criaram coletivamente com as suas diferenças, uma história que tem um pouco da subjetividade de cada um. Acho que isso é o maior ganho do processo. Acredito ainda que às vezes nós nos colocamos muito distantes do universo literário, como somente leitores e esquecemos que somos todos contadores de histórias, nossa capacidade de comunicar seja verbalmente ou visualmente é em si um ato de contar

histórias e vivenciar essa experiência, considero então que a confecção do livro aproximou eles do ato de ler, de escrever e de contar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero esse trabalho como uma reflexão acerca da prática pedagógica da *Contação de Histórias* aliada ao ensino do teatro, as reflexões não se findarão aqui, muito pelo contrário, acho que elas apenas se iniciaram. Ensinar e apreender são atividades constantes que nos levam sempre a repensar, mudar, pesquisar. O processo nunca termina, nunca se completa, ele se mantém.

Refletirei aqui, nas considerações finais desse trabalho, sobre minha atuação, enquanto artista e educadora; sobre a curadoria das obras que utilizo em meus trabalhos e principalmente sobre o processo de mediação que considero a base para entender minha proposta.

Ao longo da graduação, por diversas vezes, surgiu o questionamento se quem opta por fazer licenciatura em artes cênicas é ator ou educador. Refletindo sobre mim, considero que eu sou atriz, sou arte-educadora, sou contadora de história, sou leitora, sou *eu* composta das minhas subjetividades. Enfim, não consigo separar a Bárbara Atriz da Bárbara Educadora, elas são híbridas. Inicialmente, eu tive uma formação mais voltada para a atuação prática enquanto atriz, agora estou concluindo o curso de licenciatura, mas minha visão nesse sentido nunca foi fragmentada. Muitos dos meus professores foram e são minha inspiração enquanto artistas. Para ser um arte-educador é necessário ser artista, acho que uma profissão está intrínseca à outra.

Sempre quando leio um livro, leio enquanto atriz, mas não é algo que imponho durante a leitura, é algo que surge naturalmente, porque essa é minha profissão e é parte de quem eu sou, então, enquanto eu leio eu me coloco no lugar dos personagens, eu crio vozes para cada um deles, eu crio corpos, eu imagino o cenário no qual a história se passa, eu imagino a luz, o figurino, a música, eu sinto as sensações que o personagem sente, porque eu trabalho com isso e porque o livro em si suscita que a gente viva outra realidade.

Sendo assim, quando conto uma história e elaboro as atividades de uma aula, todas as metodologias estão impregnadas de um pensamento estético e das

vivências da Bárbara Atriz, assim como estão envoltos por pensamentos e práticas pedagógicas da Bárbara Educadora, e estão perpassados por minha história pessoal e por minha formação geral enquanto sujeito que formou e vem formando sua subjetividade.

Pensando nessa perspectiva desse ser híbrido e multifacetado que compõe nossa subjetividade reflito também sobre a seleção que faço das obras que utilizo. Mirian Celeste Martins em seu artigo *Curadoria Educativa: Inventando conversas* traz uma série de questionamentos sobre fatores que uma curadoria deveria considerar:

O que escolhemos para mostrar? Com quais critérios? Escolhemos apenas o que gostamos ou de obras que “sabemos falar” ou o que nos provoca, nos causa estranhamento e sobre as quais queremos problematizar para ir além das primeiras impressões? (...) Nossa seleção pode ser chamada de curadoria educativa? (MARTINS, 2006, p.12)

A Curadoria Educativa é um termo cunhado por Luiz Guilherme Vergara que aponta que esta tem por objetivo “explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. (...) constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado”. (VERGARA in MARTINS, 2006, p.12). Embora, Vergara e Martins escrevam principalmente sobre a curadoria de obras de artes visuais, acho que os questionamentos que Mirian Martins traz são extremamente importantes para pensar uma curadoria educativa das diversas obras utilizadas em processos de ensino-aprendizagem.

Falando mais especificamente do meu processo de curadoria, que considero educativo, dentro dos objetivos ressaltados por Vergara. Acho que primeiro é importante entender que é um processo, inicialmente, muito subjetivo, no geral eu escolho obras que me afetam de alguma forma, seja dando sentido às minhas inquietações, seja intensificando-as, seja me trazendo reflexões, mas, sempre são obras que me tocam e sensibilizam. É como quando vou escolher um texto para interpretar, o estímulo inicial é o arrebatamento que a obra suscita. Obviamente a curadoria não para por aí, porque o livro não será lido apenas por mim, a história será compartilhada, então assim como no teatro, eu tenho que avaliar quem é o meu público, interlocutor e que também será autor, uma vez que interpretará a obra lida de uma maneira completamente particular. Além de pensar nas pessoas com quem

compartilharei e vivenciarei a obra e na realidade na qual essas pessoas estão inseridas, considero ainda que os processos de ensino-aprendizagem tem que ser abertos no sentido de ter um planejamento, mas que permita a introdução de temas que se façam necessários: discussões políticas, sociais, econômicas, culturais tem que entrar no processo. Acredito que a leitura, a contação, o teatro e a arte, no geral, são espaços que refletem o mundo e que nos permite sentir, pensar criticamente e criar interpretações acerca do mesmo. A curadoria perpassa ainda o contexto educacional – conteúdo previsto – de cada turma, o local onde a contação é realizada – espaço formal ou não formal - e o que a instituição pretende com a promoção dessas contações. Tudo isso influencia a curadoria das obras, assim como influencia o processo de mediação.

Introduzo aqui a mediação como um dos focos do meu trabalho, uma vez que estou realmente *no meio*, estou entre: o eu, a obra, o autor, a instituição, as crianças e adolescentes que partilham a vivência e todos os contextos referidos acima. Diante disso, Mirian Martins afirma que mediar é *estar entre* muitos.

Estar entre muitos nos coloca na posição de quem também há de viver uma experiência, potencializando-a aos outros, pois a vive com intensidade. Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo con-tato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistas diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. Obriga-nos, assim, a sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com a arte. (MARTINS, 2006, p.11)

Sendo assim, mediar não está no campo de apresentar uma obra ou minhas visões desta, está no campo de vivenciar o estar entre muitos, vivenciar a experiência e deixar-se afetar por ela e por todos os fatores que a compõem, dando abertura para que novas leituras de uma mesma obra surjam e que sejam discutidas, refletidas e subjetivadas por cada um, inclusive por si mesmo. Flávio Desgranges diz ainda sobre a mediação:

O importante, podemos concluir, não é somente o que a cena quer dizer, mas o que cada observador pode elaborar artisticamente a partir daquilo que a cena diz. Portanto, a função do mediador teatral, em oficina, seria a de estimular o participante a manifestar-se criativamente sobre a cena, efetivando a (co) autoria que lhe cabe, elaborando compreensões que vão sendo construídas para além da mera análise fria e racional do que viu. (DESGRANGES, 2008, p.82)

Acredito que a mediação na contação compactua com mediação teatral abordada por Desgranges, até porque as contações que realizo estão completamente afetadas por signos da estética teatral. Mas, para além dos entremeios entre a contação e o teatro, considero que o objetivo da mediação é o mesmo: o que importa é que a leitura crítica da obra seja efetivada, entendendo essa leitura como uma leitura textual, visual, sensitiva, cinestesica e perpassada pela troca.

Por fim, para além das experiências que descrevi nesse trabalho, vejo a contação de histórias como uma linguagem muito potente, inclusive enquanto metodologia para o ensino do teatro. Acho que a literatura nos fornece muito material para pensar o ensino-aprendizagem do teatro partindo do imaginário, criando sentidos que passam pelas vias da fantasia, da empatia e da história; e que através desse enredo perpassam nosso corpo, nossa voz, nosso psicológico, nos afetando e transformando no processo. Acredito assim que a contação pode ser um dos fios condutores do processo de ensino-aprendizagem, uma forma de dinamizar essa sensibilização teatral principalmente na educação infantil, que foi onde consegui experienciar a junção dessas linguagens artísticas, utilizando as histórias como estímulos para o trabalho teatral desenvolvidos com as crianças. Mas, como ressaltei no início desse tópico, não considero que existam receitas prontas para o ensino das artes, mas como artista-educadora considero que devemos sempre estar abertos a refletir, pesquisar e aprofundar nossas metodologias de trabalho, buscando sempre uma pedagogia que prime pela autonomia e que possa de alguma forma afetar artisticamente o mundo em que vivemos.

6. REFERÊNCIAS

- Barbosa, Ana Mae. (1995). **Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular.** Comunicação & Educação, (2), 59-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p59-64>
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Tradução de Arlete Caetano. Paz e Terra: 2002
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf Acesso em:02/12/2019 às 19:37
- BRASIL. Prefeitura Municipal de Itabirito. Secretaria de Patrimônio Cultural de Itabirito / Textos de José Carlos Oliveira, Mariza Barros Tassar de Almeida, Thaís Lanna Junqueira. **Patrimônio Cultural de Itabirito** – Itabirito: PMI/SEMCULT, 2019.
- BUSATO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- DESGRANGES, Flávio. **Mediação Teatral:** anotações sobre o Projeto Formação de Público. Urdimento, Dezembro de 2008. Revista nº10. P. 75 – 83.
- DESGRANGES, Flávio. **Mediação Tetral:** anotações sobre o projeto formação de público. Urdimento, 2008. p. 75 – 83
- FELDMAN, Christina. KORNIFIELD, Jack. **Histórias da Alma, Histórias do Coração.** São Paulo: Pioneira. 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido:** 17ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.
- KOUDELA, Ingrid Dormien; JÚNIOR, José Simões de Almeida. **Léxico de pedagogia do teatro.** São Paulo: Perspectiva: SP Escola de Teatro, 2015.
- MARTINS, Mirian Celeste (coord.). **Curadoria educativa:** inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.
- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauren (Organizadores). **Contaçon de Histórias:** tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. 544p.

MEIRA, Thiago Carvalho. **Os jogos e o imaginário**: infância, subjetividade e conhecimento. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

MORICONI, Lucimara Valdambrini. **Pertencimento e identidade**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2014.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PELIZZONE, Gisela Marques. **Os Miúdos Circos**: Encontros possíveis entre a cultura da infância e a cultura da escola. Orientador: Sonia Regina Miranda. 2017. 206 p. Tese (Pós Graduação em Educação) - UFJF, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5992>. Acesso em: 3 out. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON Michel. **Dicionário de psicanálise**; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VIGANÓ, Suzana Schimidth. **As Regras do Jogo**: A ação sociocultural em teatro e o ideal democrático. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

Websites:

ALUMIA, website. Disponível em: <https://www.alumia.org.br/> Acesso em: 02/12/2019 às 19:45

BIBLIOTECA, website. Disponível em: <https://bpi.phlnet.com.br/cgi-bin/wxis.exe?IscScript=phl83.xis&cipar=phl83.cip&lang=por> Acesso em: 02/12/2019 às 19:48

IPHAN, website. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em; 02/12/2019 às 19:49

Livros Utilizados nas Contações de Histórias e citados na monografia:

ANDRADE, Thelma Guimarães Castro. **Menina não Entra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

AUAD, Pedro Kalil. **O menino que queria virar vento**; ilustração [de] Luisa Helena Ribeiro. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

BITTENCOURT, Rodrigo. **Ópera Brasil de Embolada**; ilustrações Maurício Negro. Rio de Janeiro: Pllas, 2010. 64p.: il. Color.

BORGES, Afonso. **O Menino, O Assovio e a Encruzilhada; ilustrações de Alexandre Rampazo.** São Paulo: SESI-SP, 2016.

CAVION, Elaine Pasquali. **O Colecionador de águas;** Ilustrações Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Eu moro aqui;** ilustrações Renata Vilanova. São Paulo: Evoluir 2004.

FRANÇA. Cavalieri Cecília. **O silencioso Mundo de Flor.** Belo Horizonte. Fino Traço Editora. 2011.

FREIRE, Priscila. **Conversa de Corpo.** ilustrações de Marcos Coelho Benjamin. Editora Miguilim, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O menino Coração de Tambor.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

LESTRADE, Agnés. **A Grande Fábrica de Palavras;** ilustrações de Valéria Docampo. Belo Horizonte: Aletria Editora, 2010.

MANEIRA. Sílvia. **Uma Tarde do Barulho.** Uni Duni Editora. 2009

MARINS, Mauro, **Lá no Fundo do Peito;** ilustrações Marlette Menezes. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

MONCHAUX, Maria Cláudia. **Nenê ano zero.** Edições Paulinas, 1979.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Agir, 2000.

SILVERSTEIN, Shel. **A Parte que Falta:** tradução: Alípio Correia de Franca Neto – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

7. ANEXOS

7.1– ANEXO – Planos de Aula – Estágio Supervisionado de Planejamento e Regência II: Escola Monsenhor Castilho Barbosa – A Contação utilizada como método de ensino-aprendizagem do teatro

03/04/2019

Contação de Histórias “O Colecionador de Águas” de Elaine Pasquali Cavion – Tema da Aula: Água

Roteiro:

- Apresentação Movimentos
- Combinados
- Alongamento / Aquecimento
- Música (Introduzindo a contação)
- Contação
- Intervalo
- Descanso
- Caça Tesouro
- Qual é o som?
- Dobraduras - Barquinhos
- “Mar” – Psicomotricidade

Objetivos da aula:

Conhecer a turma, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

10/04/2019

Contação de Histórias “O Menino, O Assovio e a Encruzilhada” de Afonso Borges. Tema da Aula: Escolhas

Roteiro:

- Alongamento / Aquecimento com música

- Jogo com Movimento (Uma pessoa sai da sala, outra é escolhida pra comandar o movimento da roda e quem saiu deve adivinhar quem esta comandando).
- Jogo com objetos (Cada um escolhe um objeto de olhos fechados e uma história coletiva é construída conforme o objeto que cada criança tira).
- Jogo com Opções de afeto (cada aluno retira uma imagem: Coração (abraço), Estrela (Troca de Energia), Mão (Aperto de Mão), Olho (Troca de olhar))
- Música (Trabalhando Nome Composto)
- Intervalo
- Descanso
- Contação
- Elementos da Natureza - Psicomotricidade
- Registro Visual

Objetivos da aula:

Conscientizar sobre os processos de escolhas e decisões, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

24/04/2019

Contação de Histórias “Menina não Entra” de Thelma Guimarães Castro Andrade - Tema da Aula: Gênero

Roteiro:

- Desenho Time de Futebol e Problematização
- Alongamento / Aquecimento com música
- Jogo com Balão (O Balão é jogado e as crianças não podem deixa-lo cair no chão, o objetivo é trabalhar em equipe e demonstrar que todos são um time e tem um objetivo a cumprir)
- Caça ao Tesouro com um quebra cabeça que representa partes de uma bola. A sala é dividida em 4 grupos e cada grupo/time deve achar uma parte para que só assim o quebra cabeça possa se completar)
- Música (Introduzindo a história)
- Intervalo

- Descanso
- Contação
- Futebol
- Desenho Time final – Problematização / Comparação com o primeiro desenho.

Objetivos da aula:

Trabalhar gênero, conscientizar sobre a igualdade de gênero, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

08/05/2019

Contação de Histórias “Lá no Fundo do Peito” de Mauro Martins - Tema da Aula: Vazio Existencial / Afeto

Roteiro:

- Alongamento / Aquecimento com músicas que suscitam diversas sensações, trazer as sensações para o corpo
- Jogo com palavras (Cada criança sorteia uma palavra e deve dizer o que esta palavra significa, montagem de painel)
- Roda dos afetos (Abraço, Troca de Energia, Troca de Olhar, Aperto de mão)
- Música (Introduzindo a história)
- Intervalo
- Descanso
- Contação
- A Salada dos Afetos (Salada de frutas resignificada)
- Registro Visual

Objetivos da aula:

Falar sobre sentimentos que aprende-se a guardar, promover o afeto, conscientizar sobre a importância do respeito, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

22/05/2019

Contação de Histórias “Conversa de Corpo” de Priscila Freire - Tema da Aula: Conhecer o próprio corpo

Roteiro:

- Alongamento / Aquecimento explorando cada parte do corpo – corporal e vocal
- Desenhar o corpo de dois alunos no chão (um menino e uma menina e nomear as partes do corpo)
- Quebra cabeças do corpo humano
- Música (Introduzindo a história)
- Intervalo
- Descanso
- Contação interativa
- Registro Visual

Objetivos da aula:

Conscientizar as crianças a conhecerem seu corpo e a explorar suas possibilidades, conscientizar sobre a importância de cuidar do próprio corpo, sobre a importância do respeito e consentimento sempre que precisar tocar o outro, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

29/05/2019

Contação de Histórias “O Silencioso Mundo de Flor” de Cecília Cavalieri França - Tema da Aula: Inclusão / Musicalização

Roteiro:

- Alongamento / Aquecimento (Exploração do espaço em ritmos variados)
- Música – Cabeça, ombro, joelho e pé (Retomando o aprendizado sobre as partes do corpo)
- Estátua
- Música (Introduzindo a história)
- Contação

- Exploração dos Instrumentos (Agogô, ganzá, tambor, pandeiro, Pau de chuva)
- Intervalo
- Descanso
- Exploração de instrumentos confeccionados com materiais acessíveis
- Registro Visual

Objetivos da aula:

Conscientizar sobre a inclusão de pessoas com deficiência, trabalhar os sentidos (principalmente audição e visão), Apresentar instrumentos musicais de percussão, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

05/06/2019

Contação de Histórias “Uma tarde do Barulho” de Silvia Maneira - Tema da Aula: Musicalização

Roteiro:

- Alongamento / Aquecimento (Escutando os sons de cada parte do corpo)
- Roda (Cada criança deveria fazer um movimento sonoro com o próprio nome)
- Aquecimento Vocal com Trava língua
- Telefone sem fio
- Mimica com sons
- Música (Introduzindo a história)
- Intervalo
- Descanso
- Contação
- Registro Visual
- Confeção de chocalhos

Objetivos da aula: Trabalhar musicalização, Promover o conhecimento do corpo e dos sons que o mesmo pode produzir, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

12/06/2019

Contação de Histórias “Eu moro aqui” de Beatriz Monteiro da Cunha - Tema da Aula: Planeta terra

Roteiro:

- Realizar as atividades propostas no livro

Objetivos da aula:

Conhecer melhor o planeta em que vivemos, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

19/06/2019

Contação de Histórias “O menino que queria virar vento” de Pedro Kalil Auad - Tema da Aula: Imaginação / Dramatização

- Alongamento / Aquecimento (Exercícios de respiração, emissão de sons com barulho de vento, manter o papel na parede através do sopro, movimentar como vento)
- Contação
- Encenação (Colocá-los para interpretar a história)
- Intervalo
- Descanso
- Produção de aviões de papel (psicomotricidade)
- Registro Visual

Objetivos da aula:

Incentivar a imaginação, trabalhar a encenação teatral, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

26/06/2019

Contação de Histórias “Nenê ano zero” de Maria Cláudia Monchaux - Tema da Aula: Autoconhecimento

- Alongamento / Aquecimento (produzir e fazer sons que representem desde um bebê até chegar à velhice)
- Jogos (morto-vivo associado à história, telefone sem fio)
- Contação
- Intervalo
- Descanso
- Produção de livro pessoal

Objetivos da aula:

Promover o autoconhecimento, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

03/07/2019

Contação de Histórias “A parte que falta” de Shel Silverstein - Tema da Aula: Incompletude

- Alongamento / Aquecimento (Andar pelo espaço, sempre com o comando de uma parte do corpo)
- Jogos (cobra cega, andar de um ponto à outro com uma perna, coelho sai da toca, quebra-cabeças)
- Contação
- Intervalo
- Descanso
- Balão (Psicomotricidade)

Objetivos da aula:

Entender que somos seres incompletos, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

10/07/2019

**Contação de Histórias “O pequeno príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry-
Tema da Aula: Afeto / Construção de laços**

- Alongamento / Aquecimento (Andar pelo espaço, explorando ritmos e a cada palma haveria uma demonstração de afeto)
- Jogos (Caixa de Contação – Cada um recebeu uma caixa que poderia conter o que quisesse e deveria contar uma história sobre o que tinha lá dentro)
- Contação
- Intervalo
- Descanso
- Exibição do filme “O pequeno príncipe”

Objetivos da aula:

Entender sobre o que é afeto, o que é cativar, criar laços, trabalhar a imaginação, trabalhar a contação oral de histórias, incentivar a leitura, trabalhar o lúdico, contribuir para a alfabetização, musicalização e promover o aprendizado por meio da brincadeira.

7.2– ANEXO – História Coletiva Alumia



A fantástica história da sereia

PIETRA

e seu *amuleto*
vermelho



HISTÓRIA COLETIVA CRIADA PELAS CRIANÇAS DO PROJETO PONTO DE LUZ
DO CENTRO CULTURAL, DE FORMAÇÃO E ENTRETENIMENTO ALUMIA.

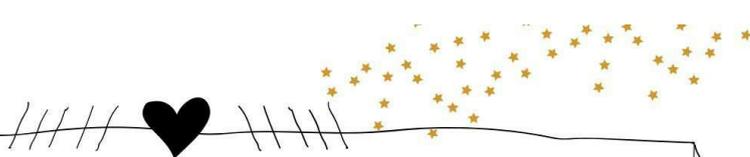
ORIENTADORAS: BÁRBARA SILL E LARISSA RIBEIRO

A fantástica história da sereia

PIETRA

e seu *amuleto*
vermelho





Desde 2006, o Centro Cultural, de Formação e Entretenimento Alumia atua na comunidade das Codornas levando aprendizado, lazer e cultura por meio de suas atividades que acontecem de segunda à sábado. Localizado numa área de expansão urbana da cidade de Nova Lima, MG, os bairros Estâncias Estoril I e II são habitados por trabalhadores que vieram de diversas regiões rurais do estado e até mesmo do país, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Para cá, trouxeram suas famílias e suas esperanças e aos poucos foram formando essa comunidade de hoje.

Com o intuito de formar futuros protagonistas, em 2017 foi lançado o Projeto Ponto de Luz pelo Alumia, que através da metodologia da Contação de Histórias, estimula o hábito da leitura em crianças e jovens da comunidade. Em dezembro de 2018, foi lançado o primeiro título: "Aqui nas Codornas.

Um registro dos encontros de sábado no Alumia, um livro bem experimental, produzido para aproximar as crianças desse universo da produção editorial.

Esse ano, após um trabalho de meses conduzido por Barbara Sill e Larissa Ribeiro, um novo título será lançado. **A FANTÁSTICA HISTÓRIA DA SEREIA PIETRA E SEU AMULETO VERMELHO** foi inspirado no conto da Pequena Sereia. Como todos os contos de fadas, a história é cheia de fantasia, magias, abandonos, confrontos e final feliz com a justiça sendo feita.

Então, se um dia você estiver caminhando nas areias de uma praia e ver pegadas de um cavalo indo em direção ao mar, pode ter certeza que são do Luiz, o cavalo de Pietra. De vez em quando os dois saem para passear mas voltam para casa, transformando-se em sereia e cavalo marinho, graças a poderes muito especiais que a Pietra possui. Boa leitura.

Nova Lima, Novembro de 2019.

FICHA TÉCNICA

MONITORAS: Bárbara Sill • Larissa Ribeiro

TEXTO: Any Sophia • Bárbara • Íthalo • Enzo • Helena • Kauã • Maria Luiza • Paola • Sophia

DESIGN E ILUSTRAÇÃO: Joana Resek

APOIO ADMINISTRATIVO: Iolanda Carvalho

APOIO COPA E LIMPEZA: Eva Maria Silva

COORDENAÇÃO GERAL: Virginia Queiroz

PINTURAS E ILUSTRAÇÕES: Crianças do Projeto Ponto de Luz

ALUNOS DO PROJETO PONTO DE LUZ:



Amanda Cristina de Souza

Any Sophia Moura Coelho

Bárbara Kaylane Ribeiro de Aguiar

Damiano Leroy Thibau Chaves

Diego Renan de Almeida Rocha

Emannuelle Cardoso de Aguiar

Enzo Gabriel Moura Coelho

Helena Queiroz Ferreira

Isabelle Cardoso de Aguiar

Íthalo Gabriel Bernardes Aguiar

Julia Gabriele Bernardes Aguiar

Kamily Vitoria Andrade Ferreira

Kaique Andrade Ferreira

Kauan Henrique de Almeida Perpetuo

Marcos Victor Passo Andrade

Maria Luiza Homann Freire

Maria Soloína Leroy Thibau Chaves

Paola Gabrielle da Silva Pereira

Shayenne Araújo Pimenta

Sophia Eduarda da Silva





EM ALGUM LUGAR NA GRÉCIA ANTIGA, EM UM CASTELO NO FUNDO DO MAR, VIVIA UMA SEREIA CHAMADA PIETRA COM SEU CAVALO MARINHO, LUIZ. ELA TINHA 17 ANOS E GOSTAVA MUITO DE VERMELHO. TINHA TUDO VERMELHO, INCLUSIVE SEUS CABELOS E SUA CALÇA.







PIETRA TINHA PODERES ESPECIAIS: era imortal e controlava as águas com suas mãos, os animais aquáticos com sua espada vermelha e as mentes com seus óculos hipnotizantes.

Era filha de Arthur e Malu, humanos e protetores da terra. Aos 13 anos, recebeu um amuleto vermelho de seus pais e foi enviada ao mar para ser sua protetora, **SE TORNANDO UMA SEREIA.**

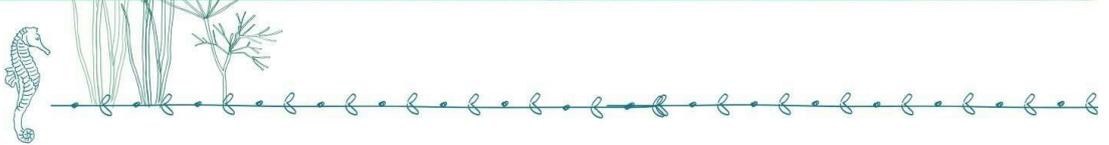


O amuleto era um presente de seus antepassados e **PERMITIA QUE PIETRA SE TORNASSE HUMANA** toda vez que quisesse visitar seus pais na terra e que se tornasse sereia, todas as vezes que retornasse ao mar.

Mas, logo depois que Pietra chegou ao mar, aos treze anos, **PERDEU SEU AMULETO** e não conseguiu mais voltar para a terra.



Scanned with
CamScanner



Desde então, ficou morando apenas com Luiz,
SEU CAVALO MARINHO COMPANHEIRO E PROTETOR.

Ele era todo preto e vivia no Jardim Secreto do Castelo.

Neste jardim, Pietra guardava seu livro de magias,
 sua espada vermelha, seus óculos hipnotizantes e
 um tesouro que continha todas as coisas que ela
 achava nos navios que naufragavam.



Scanned with
 CamScanner



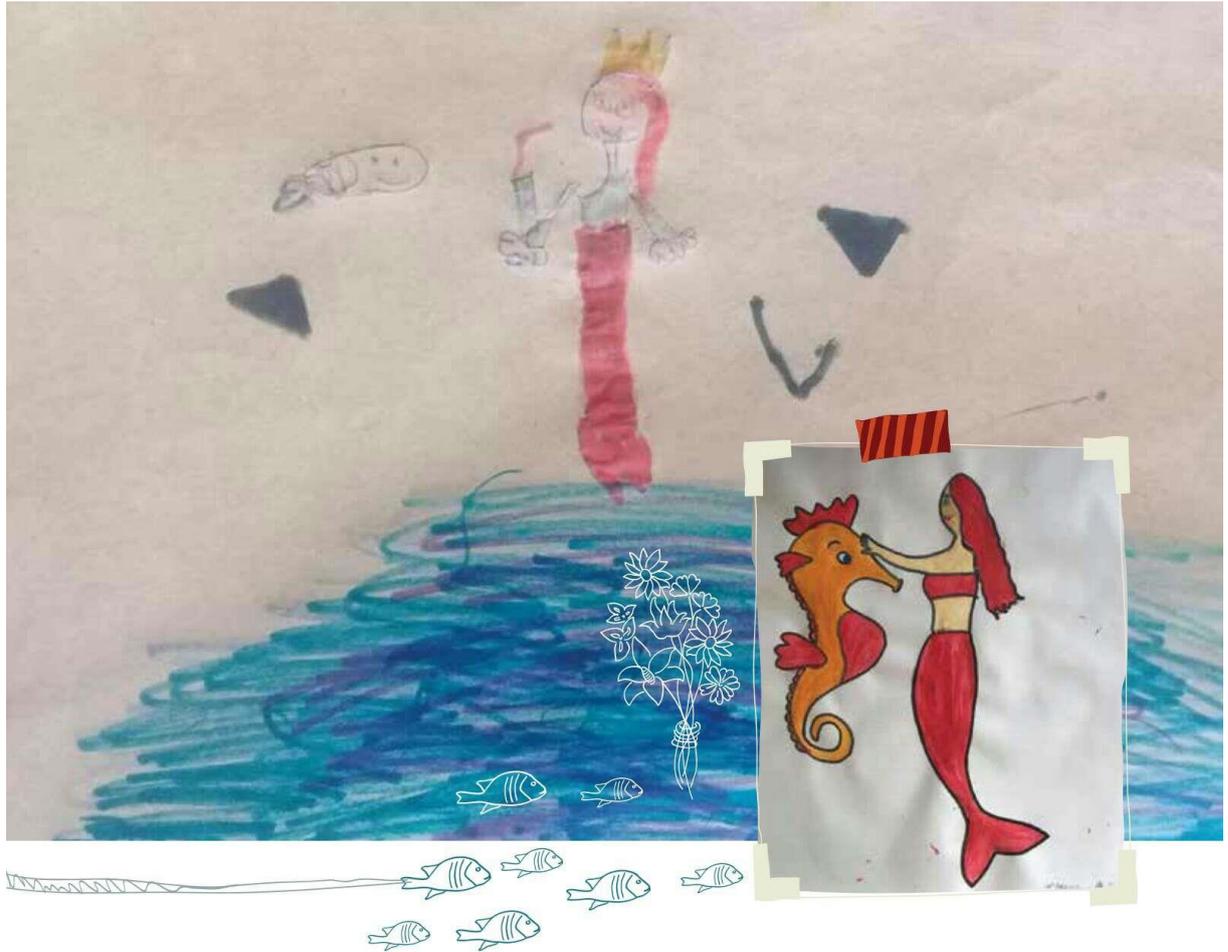


NO REINO DOS MARES, HAVIA TAMBÉM UMA VILÃ CHAMADA SCARLET. Ela era uma sereia de calda verde que queria tomar o poder e se tornar a rainha dos mares.

Para isso, queria roubar os óculos hipnotizantes de Pietra e convencer todos os seres marinhos a colocá-los no poder.



Scanned with
CamScanner



Pietra, ao perceber o perigo, **RESOLVEU ESCONDER OS ÓCULOS** dentro do computador porque era um lugar seguro e que tinha uma senha.

Quando Pietra menos esperava, os **PEIXINHOS ENCONTRARAM SEU AMULETO VERMELHO** no fundo do mar e devolveram para ela.

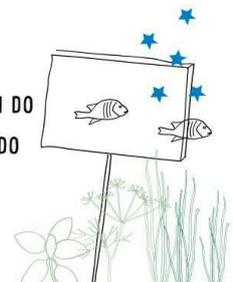


Scanned with
CamScanner



Com muitas saudades de seus pais, foi logo procurá-los, junto com o cavalo marinho Luiz. Os poderes do amuleto, permitiam que Pietra transformasse Luiz em um cavalo terrestre, e para isso, ela só precisava encostar a mão na sua testa.

Assim, **PIETRA E LUIZ SAÍRAM DO REINO DOS MARES CAVALGANDO PELAS AREIAS DA PRAIA.**



Scanned with
CamScanner



Scarlet, ao perceber a ausência de Pietra e Luiz, achou que era o melhor momento para roubar os óculos e tomar o controle dos mares.

Então, **ELA FOI PARA O JARDIM SECRETO** e começou a procurá-lo, mas Pietra presentiu tudo, retornou com Luiz antes que ela o encontrasse e os três entraram em confronto.



Scanned with
CamScanner



COM SUA ESPADA VERMELHA, PIETRA ENVIU UM SINAL VERMELHO convocando todos os animais do fundo do mar, para ajudá-la, inclusive os cavaleiros do reino dos mares que vinham montados em golfinhos.

Os cavaleiros chegaram e prenderam Scarlet no porão de um antigo navio no fundo do mar.



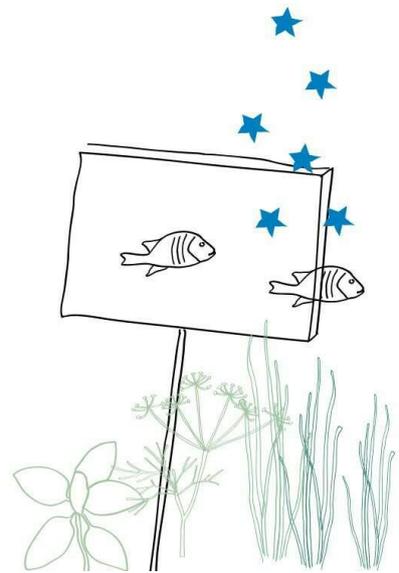
Scanned with
CamScanner



Depois da prisão de Scarlet, **TUDO VOLTOU AO NORMAL NO REINO DOS MARES** e Pietra continuou a visitar seus pais sempre que queria, pois ela havia recuperado seu amuleto vermelho com seus poderes e nunca mais se separou dele.

Assim, se um dia você for à praia e ver umas pegadas de cavalo na areia indo em direção ao mar, pode ser que sejam de Luiz passeando com Pietra em noites claras e quentes de verão.

CS Scanned with CamScanner

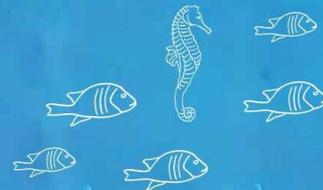


AGRADECIMENTOS

O PROJETO PONTO DE LUZ TEM O APOIO DA VALE,
SANTAFETRANSPORTES, SACOLÃO ABC JARDIM CANADÁ,
E PADARIA BONNA MASSA DO VALE DO SOL.

AGRADECEMOS AOS VIZINHOS, FAMÍLIAS E AMIGOS QUERIDOS
DO ALUMÍA, QUE SEMPRE APOIARAM ESSA INICIATIVA.

REALIZAÇÃO



APOIO



Scanned with
CamScanner